

UM CONTO DE A SELEÇÃO

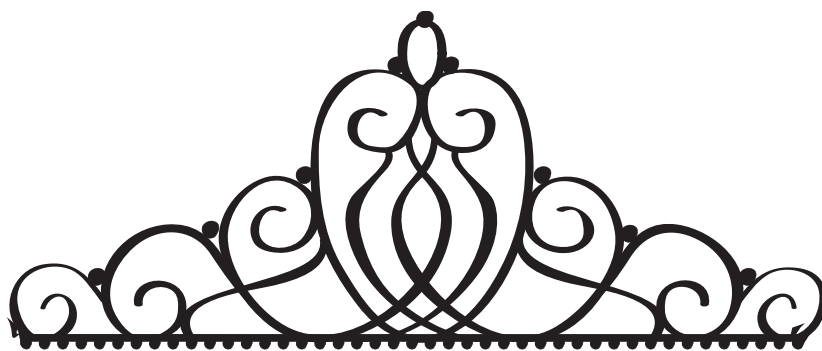


# O PRÍNCIPE

KIERA CASS

**S E G U I N T E**





# O PRÍNCIPE

KIERA CASS

Um conto de *A Seleção*

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

**S E G U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

EU ANDAVA EM CÍRCULOS, como se isso pudesse aliviar a tensão do meu corpo. A Seleção parecia emocionante quando estava lá longe — uma possibilidade futura. Mas agora? Bem, eu já não tinha tanta certeza.

Censo compilado, números checados múltiplas vezes. Os funcionários do palácio estavam sendo realocados, e as roupas e os quartos das novas hóspedes já estavam sendo preparados. A pressão crescia, empolgante e assustadora ao mesmo tempo.

Para as garotas, o processo começara com o preenchimento dos formulários — milhares a esta altura. Para mim, começou hoje.

Completei dezenove anos. Agora, *eu* podia participar.

Parei diante do espelho e conferi a gravata mais uma vez. Naquela noite haveria mais olhos sobre mim do que o normal; eu precisava parecer o príncipe autoconfiante que todos esperavam. A gravata estava impecável, e eu segui para o escritório do meu pai.

No caminho, acenei com a cabeça para os assessores e guardas conhecidos. Era difícil imaginar que em menos de duas semanas os corredores estariam abarrotados de garotas. Bati de maneira firme na porta, uma requisição feita pelo meu próprio pai. Parecia que eu sempre tinha uma lição a aprender.

*Bata com autoridade, Maxon.*

*Pare de andar em círculos, Maxon.*

*Você tem que ser mais rápido, mais esperto e melhor, Maxon.*

— Entre.

Entrei. Meu pai desviou os olhos do espelho por um instante para me observar.

— Ah, que bom que você chegou. Sua mãe virá logo. Está preparado?

— Claro — respondi. Era a única resposta plausível.

Ele esticou o braço e apanhou uma pequena caixa, que pôs na minha frente, sobre sua escrivaninha.

— Feliz aniversário.

Desfiz o embrulho prateado e dei com uma caixinha preta. Dentro dela, um par de abotoaduras novas. Provavelmente ele estava atarefado demais para se lembrar de que já havia me dado abotoaduras no Natal. Ou então eram os ossos do ofício. Quando eu fosse rei, talvez também desse um presente repetido para o meu filho sem querer. Mas é claro que, para chegar a esse ponto, primeiro precisava de uma esposa.

*Esposa.* A palavra pendeu dos meus lábios por um instante, sem chegar a sair. Soava estranha.

— Obrigado, senhor. Vou usá-las agora mesmo.

— Você precisa dar o seu melhor esta noite — ele disse, afastando-se do espelho. — Todos estão

com a Seleção na cabeça.

Dei um sorriso tenso.

— Eu também estou.

Pensei em contar a ele como estava ansioso. Ele já havia passado por isso, afinal. Deve ter tido suas próprias dúvidas naquela época.

Mas é claro que o nervosismo estava estampado na minha cara.

— Ânimo, Maxon. A ideia é que seja emocionante — ele me incentivou.

— E é. Só estou impressionado com a rapidez com que tudo tem acontecido — respondi enquanto me concentrava em passar o metal pela casa da manga da camisa.

— Parece rápido para você, mas para mim foram anos de preparação — ele disse, rindo.

Apertei os olhos e o encarei.

— Como assim?

A porta se abriu e minha mãe entrou. Como sempre, o rosto do meu pai se iluminou com a sua presença.

— Amberly, você está estonteante — elogiou, caminhando para cumprimentá-la.

Ela sorriu com seu jeito de sempre, como se não acreditasse que alguém havia reparado nela, e abraçou meu pai.

— Não estonteante demais, espero. Não quero roubar a atenção.

Ela se afastou do meu pai e veio na minha direção.

— Feliz aniversário, filho.

— Obrigado, mãe.

— Seu presente vai chegar — sussurrou, e depois se dirigiu ao meu pai. — Estamos todos prontos, então?

— Sim, certamente — respondeu meu pai, oferecendo-lhe o braço, que ela agarrou. Eu caminhei à sombra deles. Como sempre.

— Quanto tempo teremos, Alteza? — um repórter me perguntou.

A luz dos refletores queimava meu rosto.

— Os nomes serão sorteados nesta sexta-feira, e as garotas chegarão na sexta seguinte — respondi.

— Está nervoso, senhor? — outra voz indagou.

— Porque vou me casar com uma moça que ainda nem conheço? Tudo sob controle — respondi, com uma piscadela que fez a plateia rir.

— Mas isso não o deixa nem um pouco nervoso, Alteza?

Desisti de tentar identificar o rosto do meu interlocutor. Apenas respondi na direção de onde veio a pergunta.

— Pelo contrário. Estou muito empolgado.

*Mais ou menos.*

— Sabemos que fará uma excelente escolha, senhor.

O flash de uma câmera me cegou.

— Aqui, aqui! — outros chamavam.

Dei de ombros.

— Não sei. Qualquer garota que se contentar comigo só poderá ser louca.

Todos riram mais uma vez, e essa frase me pareceu uma boa deixa para ir embora.

— Com licença. Alguns parentes estão aqui de visita e não quero ser indelicado.

Dei as costas para os jornalistas e fotógrafos e respirei fundo. Será que a noite inteira seria assim?

Corri os olhos pelo Grande Salão — toalhas azul-marinho cobriam as mesas e velas brilhavam forte para realçar o esplendor da decoração — e vi que não tinha muita escapatória. Em um canto do salão estavam as autoridades; no outro, os jornalistas. Nenhum lugar para eu ficar quieto e tranquilo. Como *eu* era o aniversariante, alguém poderia pensar que eu seria o responsável por definir como tudo aconteceria. Mas não era desse modo que as coisas funcionavam.

Assim que me desvencilhei da multidão, senti o braço do meu pai nas minhas costas e a sua mão a apertar meu ombro. Aquela pressão e aquela atenção súbita me deixavam tenso.

— Sorria — ele ordenou, sem mover os lábios. Obedeci, e ele virou a cabeça na direção de alguns de seus convidados especiais.

Percebi o olhar de Daphne, que viera da França junto com o pai. Tivemos sorte: a data da festa coincidiu com a necessidade de nossos pais continuarem as discussões sobre um tratado comercial. Sendo ela filha do rei da França, nossos caminhos já haviam se cruzado algumas vezes, e talvez ela fosse a única pessoa fora da minha família com quem eu tinha um pouco de intimidade. Era bom ver um rosto conhecido no salão.

Acenei com a cabeça, e ela ergueu sua taça de champanhe.

— Você não pode ser tão sarcástico em suas respostas. Você é o príncipe-herdeiro. Nós precisamos da sua liderança.

A mão do meu pai apertava meu ombro mais do que o necessário.

— Perdoe-me, senhor. É uma festa. Pensei que...

— Pensou errado. Espero que na hora do noticiário você leve as coisas mais a sério.

Ele parou de andar e me encarou com seus olhos cinzentos e firmes.

Sorri mais uma vez, sabendo que ele me pedia aquilo por causa da multidão.

— Claro, senhor. Foi um lapso de julgamento temporário.

Ele abaixou o braço e levou a taça de champanhe aos lábios.

— Você costuma ter muitos.

Arrisquei lançar um olhar de enfado a Daphne, que riu, pois sabia muito bem como eu me sentia. Os olhos do meu pai seguiram meu olhar pelo salão.

— Sempre muito bonita essa garota. Pena que não pode participar do sorteio.

Dei de ombros.

— Ela é simpática, mas nunca senti nada por ela.

— Que bom. Seria uma estupidez sem tamanho da sua parte.

Ignorei a maldade do comentário e continuei:

— Além do mais, mal posso esperar para conhecer minhas verdadeiras opções.

Meu pai vibrou com a ideia e voltou a me conduzir pelo salão.

— Já é hora de você fazer algumas escolhas reais na vida, Maxon. Escolhas boas. Tenho certeza de que você acha que meus métodos são rígidos demais, mas preciso que você enxergue a importância de sua posição.

Segurei um suspiro. *Eu tento fazer escolhas. Você é que não confia em mim.*

— Não se preocupe, pai. Levo muito a sério a tarefa de escolher uma esposa — respondi, na esperança de que o tom da minha voz confirmasse o quanto aquilo era verdade.

— Vai além de encontrar alguém com quem você se dê bem. Por exemplo, você e Daphne. Muito amiguinhos, mas ela seria um completo desperdício — ele comentou antes de outro gole, e acenou para alguém que estava atrás de mim.

Mais uma vez, tive que controlar minha expressão. Desconfortável com o rumo da conversa, meti as mãos nos bolsos e inspecionei o salão.

— Acho melhor começar a circular pelas mesas.

Ele fez que sim com a mão e voltou a concentrar-se em sua bebida. Aproveitei para me retirar rápido. Por mais que tentasse, não conseguia entender o que ele queria com aquela conversa. Não havia motivo para ele ser tão grosseiro sobre Daphne se ela sequer era uma opção.

O Grande Salão reverberava de entusiasmo. As pessoas diziam que toda a Illéa esperava por aquele momento: a emoção de uma nova princesa, a empolgação de ver que em breve eu seria rei. Pela primeira vez eu sentia toda aquela energia e receava que ela fosse me esmagar.

Apertei diversas mãos e aceitei com elegância presentes de que não precisava. Perguntei discretamente a um fotógrafo sobre as lentes de sua câmera. Beije as bochechas de familiares, amigos e de uma boa parcela de completos estranhos.

Por fim tive um momento sozinho. Inspeccionava a multidão, certo de que havia algum lugar onde eu deveria estar. Meu olhar parou em Daphne, que veio em minha direção. Estava ansioso para ter pelo menos alguns minutos de conversa sincera, mas isso teria que esperar.

— Está se divertindo? — minha mãe perguntou, ao se aproximar.

— O que parece?

Ela correu as mãos pelo meu terno já meio amarrotado.

— Que sim.

Abri um sorriso.

— É o que importa.

Ela inclinou a cabeça levemente, com um sorriso terno nos lábios.

— Venha comigo por um minuto.

Ofereci o braço a ela, que aceitou com alegria, e caminhamos pelo corredor ao som dos cliques das câmeras.

— Podemos fazer algo menor no ano que vem?

— Pouco provável. É quase certo que você já estará casado. Sua esposa talvez queira uma comemoração bem sofisticada para o primeiro ano de vocês juntos.

Franzi a testa, uma liberdade que podia ter na frente dela.

— Talvez ela também goste de tranquilidade.

Minha mãe soltou uma risada mansa.

— Desculpe-me, querido, mas uma garota que se inscreve na Seleção quer um jeito de *sair* da tranquilidade.

— Você também? — pensei em voz alta.

De fato, nunca tínhamos falado sobre a chegada dela ao palácio. Havia uma fronteira estranha entre nós. Uma fronteira que eu apreciava: fui criado no palácio, mas minha mãe havia escolhido vir para cá.

Ela parou e me encarou, com uma expressão calorosa.

— Fiquei encantada com o rosto que vi na tv. Sonhava acordada com seu pai, assim como milhares de garotas agora sonham com você.

Imaginava minha mãe jovem, em Hondurágua, com o cabelo trançado nas costas e o olhar ansioso fixo no televisor. Podia vê-la suspirar a cada palavra dele.

— Todas as meninas imaginam como é a vida de uma princesa — prosseguiu. — Se apaixonar perdidamente, usar uma coroa... Eu só conseguia pensar nisso na semana anterior à divulgação dos nomes. Não fazia ideia de que ia muito além.

O rosto dela ficou um pouco triste.

— Nem imaginava a pressão a que estaria submetida ou como teria pouca privacidade. Ainda assim, ser casada com seu pai e ter você como filho... é a realização de todos aqueles sonhos — concluiu, acariciando minha bochecha.

Ela mantinha os olhos nos meus e sorria, mas pude notar lágrimas brotando. Precisava puxar algum assunto.

— Então você não se arrepende?

Ela balançou a cabeça.

— Nem um pouco. A Seleção mudou a minha vida, e da melhor maneira possível. E é sobre isso que quero falar com você.

Arregalei os olhos.

— Não sei se estou entendendo.

Ela soltou um suspiro.

— Eu era Quatro. Trabalhava em uma fábrica.

Ela estendeu as mãos, com as palmas para cima, e continuou:

— Meus dedos eram secos e rachados. A sujeira se acumulava debaixo das unhas. Não tinha boas conexões nem status. Nada me fazia digna de ser princesa. E, no entanto, aqui estou.

Encarei-a, ainda sem saber ao certo o que ela queria.

— Maxon, este é o meu presente para você: prometo me esforçar para ver essas garotas através dos seus olhos. Não com os olhos de rainha ou de mãe, mas com os seus. Mesmo que você escolha uma moça de uma casta bem inferior, mesmo que os outros pensem que ela não tem valor, sempre escutarei seus motivos para querê-la. E farei o máximo para apoiá-la em sua decisão.

Fiquei parado por um momento até compreender.

— O meu pai não teve esse apoio? Você não teve?

Minha mãe não respondeu diretamente.

— Toda moça que vier terá seus prós e contras. Algumas pessoas irão enfatizar o que há de pior em algumas de suas opções, e o que há de melhor nas outras. Essa intolerância não fará o menor sentido para você, mas eu estarei ao seu lado, independentemente da sua escolha.

— Você sempre está.

— Verdade — afirmou tomando-me o braço. — Sei que estou prestes a ficar em segundo plano em relação a outra mulher. Mas meu amor por você nunca vai mudar, Maxon.

— Nem o meu por você.

Esperava que ela pudesse notar a sinceridade na minha voz. Era incapaz de imaginar uma circunstância que ofuscasse minha completa adoração por ela.

— Eu sei — disse, e com um gesto suave nos guiou de volta para a festa.

Enquanto éramos recebidos por sorrisos e aplausos no salão, eu pensava nas palavras da minha mãe. Ela era, mais do que qualquer um que eu conhecia, incrivelmente generosa — uma qualidade que eu me empenharia em adquirir. Assim, aquele presente devia ser mais necessário do que eu podia imaginar naquele momento. Minha mãe nunca me deu um presente que não fosse bem pensado.





AS PESSOAS ACABARAM FICANDO NA FESTA por muito mais tempo do que me parecia apropriado. Outro sacrifício que vinha com o privilégio, pensei: ninguém queria que uma festa no palácio acabasse. Nem o próprio palácio queria.

Deixei o representante da Federação Alemã, que estava bastante bêbado, aos cuidados de um guarda, agradei todos os conselheiros reais pelos presentes e beijei a mão de quase todas as damas que cruzaram as portas do palácio. A meu ver, tinha cumprido minha obrigação, e só queria passar umas horas em paz. Só que um par de olhos azul-escuros me interrompeu enquanto eu tentava escapar dos foliões retardatários.

— Você tem me evitado — afirmou Daphne, com a voz brincalhona e um sotaque cantado que me fazia cócegas no ouvido. Sempre havia um quê musical em suas palavras.

— Nem um pouco. É que havia bem mais gente do que eu esperava — repliquei, olhando para trás, vendo o punhado de gente decidida a ver o sol nascer pelas janelas do palácio.

— Seu pai gosta de espetáculos.

Caí no riso. Daphne parecia compreender várias coisas que eu nunca havia dito em voz alta. Quanto de mim ela compreendia sem que eu me desse conta?

— Acho que ele se superou — comentei.

— Só até a próxima festa — ela respondeu, dando de ombros.

Permanecemos calados por uns instantes, embora eu sentisse que ela queria falar mais. Mordendo os lábios, sussurrou:

— Poderia falar com você em particular?

Concordei, oferecendo-lhe meu braço, e a conduzi até uma das saletas no final do corredor. Ela permanecia quieta, como se guardasse as palavras para depois que eu tivesse fechado as portas atrás de nós. Apesar de já termos conversado a sós muitas vezes, seu comportamento estava me deixando apreensivo.

— Você não dançou comigo — ela disse, parecendo magoada.

— Não dancei com ninguém.

Meu pai tinha insistido em músicos eruditos dessa vez. Embora os Cinco fossem muito talentosos, a música que tocavam pedia danças mais lentas. Talvez, se eu tivesse optado por dançar, teria escolhido Daphne. Só que me parecia errado fazer isso enquanto todos me perguntavam sobre a minha futura e desconhecida esposa.

Ela respirou bem fundo e começou a andar em círculos.

— Tenho um encontro assim que voltar para casa — disse. — Frederick é o nome dele. Já o vi

antes, claro. Cavalga muito bem e também é muito bonito. E quatro anos mais velho, mas acho que esse é exatamente um dos motivos para meu pai gostar dele.

Ela olhou para mim por cima do ombro com um sorrisinho nos lábios.

Respondi com um ar sarcástico:

— E onde estaríamos nós sem a aprovação dos nossos pais?

Ela achou graça.

— Perdidos, é óbvio. Não faríamos ideia de como viver.

Também ri, grato por ter alguém com quem fazer piada da situação. Às vezes, essa era a única maneira de lidar com a pressão.

— Mas então, meu pai aprova. Ainda assim, fico pensando...

Ela baixou os olhos, tomada por uma timidez súbita.

— Em quê?

Daphne permaneceu imóvel por um segundo, ainda com o olhar no carpete. Até que cravou aqueles olhos azul-escuros em mim.

— Você é a favor?

— A favor do quê?

— De Frederick.

Comecei a rir.

— Não dá para falar, dá? Não o conheço.

— Não — ela disse, desanimada. — Não a pessoa, mas a ideia. Você concorda que eu me encontre com esse homem? Que no fim me case com ele?

O rosto de Daphne ficou imóvel, como se escondesse algo que eu ainda não entendia. Respondi um pouco conformado e confuso:

— Não cabe a mim aprovar. Tampouco cabe a você — afirmei, um pouco triste por nós dois.

Daphne esfregava as mãos, talvez nervosa ou magoada. Eu era incapaz de entender o que estava acontecendo.

— Então você não se incomoda nem um pouco? Porque se não for Frederick, será Antoine. Se não for Antoine, será Garron. Há uma fila de homens à minha espera, e nenhum deles tem comigo metade da amizade que tenho com você. Mas, no final, terei que aceitar um deles como marido. E você não se importa?

Era realmente deprimente. Dificilmente nos víamos mais do que três vezes por ano. E eu também a considerava minha melhor amiga. Como nós éramos patéticos!

Engoli em seco, procurando a melhor coisa a dizer.

— Tenho certeza de que no final tudo vai dar certo.

Sem qualquer aviso, as lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Daphne. Olhei à minha volta, na tentativa de encontrar uma explicação ou solução, e me sentia mais desconfortável a cada momento.

— Por favor, Maxon, diga que você não se submeterá a isso. Você não pode — implorou.

— Do que você está falando? — perguntei, desesperado.

— Da Seleção! Por favor, não se case com uma estranha qualquer. Não *me* faça casar com um

estranho qualquer.

— É minha obrigação. É assim que funciona para os príncipes de Illéa. Casamos com plebeias.

Daphne se lançou contra mim e agarrou as minhas mãos.

— Mas eu te amo. Sempre amei. Por favor, não se case com outra garota sem ao menos perguntar ao seu pai se eu podia ser uma opção.

*Sempre me amou?*

Engasguei com as palavras. Tentava descobrir por onde começar.

— Daphne, como... Não sei o que dizer.

— Prometa que você vai perguntar para o seu pai — ela implorou, secando as lágrimas dos olhos, esperançosa. — Adie a Seleção ao menos por tempo suficiente para descobrirmos se vale a pena tentar. Ou deixe eu participar também. Eu abro mão da minha coroa.

— Por favor, pare de chorar — sussurrei.

— Não consigo. Não agora que estou prestes a perdê-lo para sempre — disse, antes de enterrar a cabeça entre as mãos e começar a soluçar baixinho.

Fiquei ali, como uma estátua, com medo de piorar as coisas. Após alguns momentos de tensão, Daphne ergueu a cabeça e falou, com olhar perdido:

— Você é a única pessoa que me conhece. A única pessoa que sinto conhecer de verdade.

— Conhecer não é amar — repliquei.

— Não é verdade, Maxon. Temos uma história juntos, e ela está prestes a ser destruída. Tudo em nome da tradição.

Daphne continuava com os olhos fixos no centro da sala, e eu continuava sem fazer ideia do que ela estava pensando. Era evidente que eu não costumava prestar atenção em seus pensamentos.

Por fim, Daphne virou o rosto para mim.

— Maxon, eu suplico, peça ao seu pai. Mesmo que ele diga não, ao menos eu tentei tudo o que podia.

Certo de que a minha resposta era a mais pura verdade, disse-lhe o que precisava ser dito:

— Você já tentou, Daphne. Acabou.

Cruzei os braços por um instante e depois soltei-os.

— Isso é tudo que nossa história poderia ser — acrescentei.

Seus olhos ficaram um bom tempo cravados nos meus. Ela sabia tão bem quanto eu que um pedido tão escandaloso estava muito além das minhas possibilidades. Percebi que ela buscava em sua mente um caminho alternativo, mas não havia saída. Ela servia à sua coroa; eu, à minha. E nossas dinastias nunca se cruzariam.

Concordando com a cabeça, ela desabou em lágrimas mais uma vez. Caminhou até o sofá e sentou, abraçando a si mesma. Fiquei parado na tentativa de não agravar seu sofrimento. Queria poder fazê-la rir, mas não havia qualquer graça na situação. Não sabia que era capaz de partir um coração.

Com certeza, não gostei de saber.

Foi então que me dei conta de que isso logo se tornaria comum. Eu dispensaria trinta e quatro

mulheres ao longo dos próximos meses. E se todas reagissem assim?

Bufei de cansaço só de pensar.

Ao me ouvir, ela ergueu o olhar. Aos poucos, a expressão em seu rosto mudou.

— Isso não te magoa nem um pouco? — perguntou. — Você não é um ator tão bom assim, Maxon.

— É claro que me incomoda.

Daphne se levantou e começou a me examinar, em silêncio.

— Mas não pelas mesmas razões que me incomodam — ela disse baixinho.

Ela caminhava pela sala, com olhos suplicantes.

— Maxon, você me ama.

Permaneci calado.

— Maxon — ela afirmou, enfática —, você me ama. Ama.

Desviei o rosto; a intensidade do brilho em seus olhos era forte demais para mim. Passei a mão pelo cabelo enquanto tentava colocar em palavras o que quer que eu sentia.

— Nunca vi alguém expressar seus sentimentos como você acabou de fazer. Não duvido da sinceridade de cada uma de suas palavras. Só que não consigo dizer o mesmo, Daphne.

— Isso não te impede de sentir. Você só não sabe como expressar. Seu pai pode ser frio como o gelo, e sua mãe esconde-se em si mesma. Você nunca viu as pessoas amarem livremente, e por isso não sabe demonstrar amor. Mas você sente. Sei que sente. Você me ama como eu amo você.

Balancei a cabeça devagar, temendo que qualquer sílaba que saísse da minha boca trouxesse tudo à tona novamente.

— Me beije — ela ordenou.

— Quê?

— Me beije. Se você for capaz de me beijar e ainda assim dizer que não me ama, nunca mais tocarei no assunto.

Recuei.

— Não. Sinto muito, mas não posso fazer isso.

Não quis confessar o quão literais eram minhas palavras. Não sabia ao certo quantos garotos Daphne já beijara, mas tinha certeza de que mais que zero. Ela deixou escapar que fora beijada há um par de verões, quando estive na França em sua companhia. Bastava. Ela tinha mais experiência, e de maneira nenhuma eu iria bancar ainda mais o idiota naquele momento.

Sua tristeza transformou-se em raiva à medida que se afastou de mim. Ela chegou a rir, mas não havia sinal de humor em seus olhos.

— Então essa é a sua resposta? Você está dizendo *não*? Você prefere deixar que eu vá?

Encolhi os ombros.

— Você é um idiota, Maxon Schreave. Seus pais sabotaram completamente sua personalidade. Mesmo que você tivesse mil garotas diante dos seus olhos, não importaria. Você é burro demais para reconhecer o amor a dois palmos do nariz.

Ela secou os olhos e ajeitou o vestido.

— Rezo a Deus para nunca mais ver seu rosto novamente.

O medo no meu coração se transformou e, quando ela começou a sair, agarrei-a pelo braço. Não queria que partisse para sempre.

— Daphne, sinto muito.

— Não sinta muito por mim — ela disse friamente. — Sinta muito por você. Você encontrará uma esposa porque é obrigado a isso, mas você já conheceu o amor e o deixou partir.

Ela soltou a mão num puxão e me deixou sozinho.

Parabéns para mim.



DAPHNE CHEIRAVA A CEREJEIRAS e amêndoas. Seu perfume era o mesmo desde os treze anos. Ela o usava na noite anterior e eu ainda podia senti-lo, apesar de ela desejar não me ver nunca mais.

Ela tinha uma cicatriz no pulso, de um arranhão que fez ao tentar subir em uma árvore aos onze anos. Foi culpa minha. Ela não era tão feminina na época, e eu a convenci — ou melhor, a *desafiei* — a apostar uma corrida até o topo de uma das árvores que cercavam o jardim. Ganhei.

Daphne tinha pânico do escuro, e como eu também tinha meus medos, nunca caçoei dela por isso. E ela tampouco caçoava de mim. Pelo menos não quando as coisas eram importantes.

Ela era alérgica a frutos do mar. Sua cor preferida era amarelo. Por mais que tentasse, era incapaz de cantar, mesmo que sua vida dependesse disso. Só que ela sabia dançar, então não a ter tirado para uma dança na noite passada significou mais do que uma simples decepção.

Quando eu tinha dezesseis anos, Daphne me mandou um estojo novo para a minha câmera, como presente de Natal. Apesar de eu nunca ter dado qualquer indício de querer me livrar do estojo antigo, significou tanto para mim saber que ela prestava atenção nas coisas que eu gostava que passei a usar o presente. Eu ainda o usava.

Eu me espreguiceei sob os lençóis e virei a cabeça na direção do estojo. Perguntei-me quanto tempo ela teria gasto para escolher o modelo certo.

Talvez Daphne tivesse razão. Tínhamos mais história do que eu havia percebido antes. Mantínhamos uma relação através de visitas espaçadas e telefonemas esporádicos. Por isso, nunca passou pela minha cabeça que aquilo tinha tanto peso.

E agora ela estava no avião rumo à França, onde Frederick a aguardava.

Arrastei-me para fora da cama e arranquei a camisa amassada e a calça do terno para tomar uma ducha. Tentava silenciar meus pensamentos enquanto a água lavava os resquícios do meu aniversário.

Mas não conseguia pôr de lado a denúncia perturbadora que ela havia feito sobre os meus sentimentos. Será que eu não conhecia o amor? Será que eu o havia provado e descartado? Se sim, como lidaria com a Seleção?

Conselheiros corriam pelo palácio com pilhas de formulários de inscrição para a Seleção; todos sorriam para mim como se soubessem de algo que eu ignorava. De tempos em tempos, um deles me dava tapinhas nas costas ou cochichava palavras de incentivo, como se sentissem que eu repentinamente começara a duvidar da única coisa com que sempre havia contado e que tinha aguardado minha vida inteira.

— O lote de hoje é muito promissor — dizia um deles.

— O senhor é um homem de sorte — assegurava outro.

Mas enquanto as pilhas de formulários cresciam, eu só conseguia pensar em Daphne e em suas palavras afiadas.

Eu deveria estar estudando os números do relatório financeiro que tinha na minha frente. Em vez disso, estudava o meu pai. Por acaso ele havia me sabotado? Havia me criado de forma que eu não tivesse qualquer noção do que significava um relacionamento amoroso? Já havia reparado no modo como tratava minha mãe. Havia afeto entre eles, senão paixão. Não seria isso o bastante? Não teria que ser esse o meu objetivo?

Olhava para o nada, perdido em pensamentos. Talvez, na cabeça dele, buscar algo além disso faria com que eu tivesse muita dificuldade em enfrentar a Seleção. Ou talvez eu ficasse decepcionado por não encontrar algo que mudasse a minha vida. Então era melhor mesmo eu nunca mencionar que essa era minha única esperança.

Por outro lado, talvez não fossem esses seus planos. As pessoas são o que elas são. Meu pai era rígido, era como uma espada afiada pela pressão de governar um país que sobrevivia a guerras e ataques rebeldes constantes. Minha mãe era como um cobertor, compassiva devido à infância carente e sempre buscando proteger e reconfortar.

Eu sabia que, no fundo, era mais parecido com ela do que com ele. Não que isso me incomodasse, mas incomodava meu pai.

Assim, talvez o seu plano fosse mesmo fazer de mim uma pessoa incapaz de expressar os sentimentos, parte do processo para me endurecer.

*Você é burro demais para reconhecer o amor a dois palmos do nariz.*

— Acorde, Maxon.

Virei rápido a cabeça na direção da voz do meu pai.

— Sim, senhor?

Sua expressão era de cansaço.

— Quantas vezes preciso dizer? A Seleção consiste em uma escolha sólida e racional. Não é mais uma oportunidade para você ficar sonhando acordado.

Um engravatado entrou na sala e entregou uma carta para o meu pai. Eu ajeitava uma pilha de folhas batendo-as contra a mesa.

— Sim, senhor.

Ele leu a carta enquanto eu o observava.

Talvez.

Não.

No final das contas, não. Ele queria fazer de mim um homem, não uma máquina.

Bufando, ele amassou o papel e o atirou no lixo.

— Malditos rebeldes.

★

Passei a maior parte da manhã seguinte trabalhando em meus aposentos, longe de olhares curiosos. Eu me sentia muito mais produtivo quando ficava sozinho. E se não conseguisse ser produtivo, ao

menos não havia quem me castigasse. Suspeitei que aquilo não duraria o dia inteiro diante do chamado que recebi.

— O senhor me chamou? — perguntei ao cruzar a porta do gabinete de meu pai.

— Aí está você — ele disse com os olhos arregalados. Esfregou as mãos e continuou:

— Amanhã é o grande dia.

Tomei fôlego.

— Sim. Precisamos repassar o formato do noticiário?

— Não, não — ele apoiou a mão nas minhas costas, fazendo com que me endireitasse imediatamente, e me conduziu em frente. — Será bastante simples: introdução, um papo rápido com Gavril e depois transmitimos os nomes e os rostos das moças.

Concordei com a cabeça.

— Parece... fácil.

Quando nos aproximamos da escrivaninha, ele pôs a mão sobre uma grossa pilha de pastas.

— Aqui estão elas.

Olhei para baixo. Encarei a pilha. Engoli em seco.

— Agora, mais ou menos umas vinte e cinco entre elas possuem qualidades evidentemente perfeitas para uma nova princesa. Famílias excelentes, laços valiosos com outros países. Algumas são apenas exuberantes.

Estranhamente, ele me deu uma cotovelada brincalhona no peito, e me afastei para o lado. Nada daquilo era brincadeira.

— Infelizmente, nem todas as províncias tinham algo digno de nota a oferecer. Então, para que as coisas parecessem mais aleatórias, incluímos essas regiões para dar um pouco mais de diversidade à Seleção. Você verá que temos até algumas Cinco no pacote. Nada abaixo disso, porém. Precisamos ter *alguns* parâmetros.

Repeti mentalmente suas palavras. Todo esse tempo eu pensei que a escolha seria feita pelo acaso ou então pelo destino... E era apenas o meu pai.

Ele correu o polegar pela pilha com tanta força que as bordas das pastas se curvaram para cima.

— Quer dar uma espiada? — propôs.

Olhei novamente para a pilha. Nomes, fotos e qualidades. Todos os detalhes essenciais estavam ali. Ainda assim, eu sabia que o formulário não dizia o que as fazia rir ou pôr para fora seus segredos mais obscuros. Ali estava uma compilação de atributos, não de pessoas. E, com base naquelas estatísticas, eram minhas únicas opções.

— Foi você quem as escolheu? — perguntei, desviando o olhar da papelada e encarando-o.

— Sim.

— *Todas* elas?

— Basicamente — disse com um sorriso. — Como falei, há algumas aí apenas pelo espetáculo, mas acho que você tem uma leva bastante promissora. Bem melhor do que a minha.

— Seu pai também escolheu as suas opções?

— Algumas delas, mas naquela época a coisa era diferente. Por que pergunta?

Puxei pela memória.

— Então era isso que você queria dizer, não é? Quando falou que a Seleção consumiu anos de trabalho da sua parte?

— Bem, precisávamos garantir que certas garotas teriam a idade adequada, e tínhamos várias opções em certas províncias. Em todo caso, confie em mim, você vai amá-las.

— Vou?

*Amá-las?* Como se ele se importasse. Como se aquilo não fosse apenas mais uma maneira de a coroa, o palácio e ele próprio prevalecerem.

De repente, seu comentário infeliz sobre Daphne ser um desperdício fez sentido. Para ele, não importava se eu era próximo de Daphne por ela ser encantadora ou uma boa companhia; para ele, ela era a *França*. Não era sequer um ser humano. E como meu pai já tinha o que precisava da França, Daphne era inútil aos seus olhos. Ainda assim, se ela tivesse se mostrado valiosa, estou certo de que ele jogaria fora toda aquela amada tradição para obter seus fins. Mas como isso não aconteceu, ele quis manter todo o processo em suas mãos.

Ele soltou um suspiro.

— Que cara é essa? Pensei que você fosse ficar entusiasmado. Não quer nem dar uma olhadinha?

Endireitei o paletó e respondi:

— Como você disse, não é hora de ficar sonhando acordado. Verei as garotas junto com todos os demais. Com a sua licença, preciso terminar de ler seu projeto de emenda.

Parti sem esperar sua aprovação, mas tinha certeza de que minha resposta era justificativa suficiente para que me deixasse sair.

Talvez não fosse exatamente uma *sabotagem*, mas com certeza parecia uma armadilha. Encontrar uma garota de quem eu gostasse de verdade entre as dúzias que ele escolheu a dedo? Qual era a chance de isso acontecer?

Tentei me acalmar. Afinal, ele escolhera a minha mãe, e ela é uma mulher maravilhosa, linda e inteligente. Mas isso aconteceu aparentemente sem tanta interferência. Mas as coisas eram diferentes agora, segundo ele.

Entre as palavras de Daphne, as intromissões do meu pai e meus próprios medos, cada vez maiores, passei a lamentar a Seleção como nunca.



FALTAVAM APENAS CINCO MINUTOS para o meu futuro se desenrolar diante dos meus olhos, e eu estava prestes a vomitar a qualquer momento.

Uma maquiadora muito gentil secava o suor da minha testa.

— O senhor está bem? — perguntou enquanto agitava o lenço.

— Estou apenas chateado porque nenhum dos tons de batom que você tem ali combina comigo.

Minha mãe às vezes dizia: “não é meu tom”. Não sabia bem o que significava aquilo.

Ela achou graça, assim como minha mãe e sua maquiadora.

— Acho que estou bem — falei à moça, ao me olhar no conjunto de espelhos atrás do estúdio. — Obrigado.

— Eu também — minha mãe disse, e com essas palavras as duas maquiadoras se retiraram.

Eu brincava com um dos potinhos de maquiagem na tentativa de não pensar sobre o que se aproximava.

— Maxon, meu amor, você está bem mesmo? — minha mãe perguntou sem olhar para mim, vendo meu reflexo no espelho.

Devolvi o olhar.

— É só... que...

— Eu sei. É estressante para qualquer um, mas no fim das contas, é só ouvir os nomes de um punhado de garotas. Apenas isso.

Respirei fundo e fiz que sim com a cabeça. Era uma maneira diferente de encarar as coisas: nomes. Era esse o acontecimento do dia. Uma lista de nomes, nada mais.

Respirei fundo outra vez.

Ainda bem que eu não tinha comido muito naquele dia.

Dei meia-volta e caminhei até meu assento no estúdio, onde meu pai já me aguardava.

Ele balançou a cabeça.

— Recomponha-se. Você parece péssimo.

— Como você conseguiu passar por isto? — perguntei em tom de súplica.

— Encarei tudo com confiança, porque eu era o príncipe. E você fará o mesmo. Por acaso preciso lembrá-lo de que *você* é o prêmio?

Seu rosto manifestava o mesmo enfado de antes, como se eu já devesse ter entendido a situação.

— São elas que competem por você — continuou. — Não o contrário. Nada mudará em sua vida, apenas terá de lidar com um punhado de garotas eufóricas por algumas semanas.

— E se eu não gostar de nenhuma?



— Então escolha a que odiar menos. De preferência, alguma que seja útil. Não se preocupe quanto a isso. Vou ajudá-lo.

Se a intenção dele era me tranquilizar, não deu certo.

— Dez segundos — veio o anúncio. Minha mãe tomou seu assento e deu uma piscadela reconfortante.

— Lembre-se de sorrir — meu pai pediu, e se virou para as câmeras com ar confiante.

De repente, o hino estava tocando e eu ouvia as pessoas falarem. Tinha consciência de que devia prestar atenção, mas todo o meu esforço se concentrava em manter uma expressão calma e alegre.

Não entendi muita coisa até escutar a voz familiar de Gavril.

— Boa noite, Majestade — cumprimentou, e senti um frio na barriga até me dar conta de que ele se dirigia ao meu pai.

— Gavril, é sempre um prazer vê-lo.

— Ansioso por causa do anúncio, Majestade?

— Ah, sim. Ontem estive no salão onde o sorteio foi realizado e vi algumas das escolhidas. São todas adoráveis.

Meu pai agia tão naturalmente, tão à vontade.

— Então Vossa Majestade já sabe quem são? — perguntou Gavril, eufórico.

— Só algumas, só algumas.

Uma mentira completa tirada da manga com uma facilidade incrível.

— Por acaso ele compartilhou essas informações com Vossa Alteza?

Agora Gavril falava comigo. A luz refletida em seu broche piscava à medida que ele gesticulava.

Meu pai se virou para mim, pedindo com os olhos para que eu sorrisse. Foi o que fiz, e respondi:

— Não, de jeito nenhum. Vou conhecê-las ao mesmo tempo que as pessoas em casa.

Droga. Deveria ter dito *vou conhecer as senhoritas*, não *conhecê-las*. Elas eram hóspedes, não animais de estimação. Mereciam destaque. Sequei discretamente o suor das mãos nas calças.

— Majestade — Gavril voltou-se para a Rainha —, algum conselho para as Seleccionadas?

Observei minha mãe. Quanto tempo levou para ela adquirir tanta compostura e ficar tão impecável? Será que sempre foi assim? Com um único gesto ela era capaz de derreter até Gavril.

— Aproveitem a última noite como uma garota normal. Amanhã, independentemente do que virá, a vida de vocês mudará para sempre. E um conselho antigo, mas valioso: sejam vocês mesmas.

— Sábias palavras, minha rainha, sábias palavras. E agora vamos revelar as trinta e cinco jovens escolhidas para a Seleção. Senhoras e senhores, unam-se às minhas felicitações para as seguintes filhas de Illéa!

Observei os monitores. O emblema nacional apareceu na tela e um pequeno quadrado no canto mostrava meu rosto ao vivo. O quê?! Minhas reações seriam vistas o tempo todo?

Minha mãe segurou a minha mão, fora do ângulo da câmera. Inspirei. Expirei. Inspirei de novo.

Só um bocado de nomes. Nada de mais. Não é como se estivessem anunciando uma garota só e pronto.

— Senhorita Elayna Stoles, de Hansport, Três.

Gavril lia os nomes em uma ficha, enquanto eu me empenhava em abrir mais o sorriso.

— Senhorita Tuesday Keeper, de Waverly, Quatro — continuou.

Ainda com cara de eufórico, eu me inclinei para meu pai.

— Estou passando mal — cochichei.

— Apenas respire — ele respondeu entre os dentes. — Você devia ter olhado ontem. Eu sabia.

— Senhorita Fiona Castley, de Paloma, Três.

Olhei para minha mãe, que sorriu:

— Muito bonita — comentou.

— Senhorita America Singer, de Carolina, Cinco.

Ouvi a palavra *Cinco* e me dei conta de que aquela era uma das escolhas aleatórias do meu pai. Nem consegui ver a foto, já que o meu plano era apenas olhar na direção dos monitores e sorrir.

— Senhorita Mia Blue, de Ottaro, Três.

Era muita coisa para absorver. Memorizaria seus nomes e rostos mais tarde, quando a nação inteira não estivesse vendo.

— Senhorita Celeste Newsome, de Clermont, Dois.

Levantei as sobrancelhas, mesmo sem ver a foto dela. Se era Dois, devia ser uma das importantes, então eu precisava parecer impressionado.

— Clarissa Kelley, de Belcourt, Dois.

Sustentei o sorriso enquanto a listagem avançava, a ponto de minhas bochechas doerem. Só conseguia pensar o quanto aquilo era importante para mim — uma grande parte da minha vida estava tomando rumo agora — e eu não conseguia me sentir feliz. Se eu mesmo tivesse sorteado os nomes de um saco em uma sala fechada e visse seus rostos sozinho, antes dos demais, as coisas seriam muito diferentes.

Aquelas garotas seriam minhas, a única coisa no mundo que poderia me dar essa sensação.

Mas elas não eram.

— Aí estão elas! — anunciou Gavril. — Essas são as nossas belas candidatas para a Seleção. Ao longo da próxima semana, elas serão preparadas para a viagem ao palácio, e todos aguardaremos ansiosos por essa chegada. Sintonizem no noticiário da semana que vem, uma edição especial dedicada exclusivamente a apresentar essas mulheres espetaculares. Príncipe Maxon — ele disse, voltando-se para mim —, meus parabéns. São jovens estonteantes.

— Estou sem palavras — comentei, absolutamente sincero.

— Não se preocupe, senhor. Estou certo de que as garotas irão falar muito quando chegarem na próxima sexta-feira.

Gavril então encarou a câmera e exclamou:

— E você em casa, não se esqueça de ficar ligado nas últimas notícias da Seleção aqui, no canal da rede pública. Boa noite, Illéa!

Tocaram o hino, apagaram as luzes, e eu finalmente pude relaxar.

Meu pai se levantou e deu uma palmada firme nas minhas costas.

— Bom trabalho. Você se saiu infinitamente melhor do que eu esperava.

— Não faço ideia do que aconteceu.

Ele riu, junto com um punhado de conselheiros que permaneciam no estúdio.

— Eu disse, filho, você é o prêmio. Não há motivo para estresse. Não concorda, Amberly?

— Garanto, Maxon, que as moças têm muito mais com que se preocupar do que você — minha mãe confirmou, acariciando meu braço.

— Exatamente — meu pai disse. — Estou morrendo de fome. Vamos desfrutar das nossas últimas refeições tranquilas.

Levantei-me e comecei a caminhar devagar. Minha mãe acompanhou meu passo.

— Que confusão — sussurrei.

— Vamos pegar as fotos e formulários para você estudar à vontade. É como conhecer qualquer outra pessoa. Encare a situação como se você fosse passar o tempo com algum de seus outros amigos.

— Não tenho muitos amigos, mãe.

Ela deu um sorriso compreensivo.

— Eu sei, ficamos um pouco confinados aqui — concordou. — Bem, pense em Daphne.

— O que tem ela? — perguntei, um pouco impaciente.

Minha mãe não notou.

— É uma garota, e vocês sempre foram amigos. Finja que é a mesma coisa.

Olhei para a frente. Sem perceber, minha mãe aliviou um dos grandes medos no meu coração, ao mesmo tempo em que despertou outro.

Desde nossa briga, sempre que pensava em Daphne, não queria saber se ela e Frederick estavam se dando bem ou se eu sentia falta da sua companhia. Só conseguia pensar em suas acusações.

Se eu fosse apaixonado por ela, com certeza estaria pensando em todas as suas qualidades. Ou então, durante o programa, enquanto Gavril anunciava as Seleccionadas, eu teria desejado que seu nome aparecesse ali de algum jeito.

Talvez Daphne tivesse razão, e eu era mesmo incapaz de demonstrar amor de verdade. Ainda que fosse o caso, estava cada vez mais certo de que não a amava.

Uma parte de mim se alegrou por saber que eu não estava perdendo uma oportunidade. Poderia começar a Seleção de coração aberto. Só que outro pedaço de mim lamentava. Se eu de fato não tivesse compreendido meus sentimentos, ao menos poderia me gabar de um dia ter amado alguém, de ter conhecido o amor. Mas eu ainda não fazia ideia. Imaginei que essa fosse a intenção desde o início.

NO FIM DAS CONTAS, não vi os formulários. Tinha muitos motivos para não fazer isso, mas o que me convenceu de verdade foi achar que seria melhor começarmos da estaca zero quando nos conhecêssemos. Além disso, se meu pai havia se preocupado tanto com os detalhes de cada candidata, talvez eu não quisesse fazer a mesma coisa.

Mantive uma distância confortável entre mim e a Seleção... até o evento cruzar a minha porta.

Enquanto circulava pelo terceiro andar na sexta de manhã, ouvi o riso musical de duas garotas na escadaria principal do segundo andar. Uma voz empolgada exclamou:

— Você acredita que estamos aqui? — e ambas riram.

Soltei um palavrão e corri para o cômodo mais próximo. Haviam me dito algumas vezes que eu conheceria todas as garotas de uma só vez, no sábado. Não explicaram a importância disso, mas eu suspeitava que tinha a ver com a maquiagem. Se uma Cinco pusesse os pés no palácio sem qualquer ajuda... bom, eu acho que ela não teria grandes chances. Talvez isso deixasse as coisas mais justas. Saí discretamente do meu esconderijo e voltei para o quarto, tentando esquecer aquele episódio de uma vez.

Mas, de novo, enquanto eu caminhava para deixar algo no escritório do meu pai, ouvi a voz oscilante de uma garota que eu não conhecia, causando um sobressalto por todo o meu corpo. Voltei para o quarto e limpei meticulosamente todas as lentes da minha câmera, e organizei todo o meu equipamento. Pretendia me manter ocupado até o cair da noite, quando eu sabia que as garotas estariam em seus dormitórios e eu poderia circular livremente.

Essa era uma das minhas características que dava nos nervos do meu pai. Ele dizia que eu o deixava nervoso por andar tanto pra lá e pra cá. O que eu poderia fazer? Eu penso melhor de pé.

O palácio estava quieto. Se eu já não soubesse, não poderia adivinhar que tínhamos tamanha companhia. Talvez as coisas não parecessem tão diferentes se eu não focasse nas mudanças.

Enquanto caminhava até o fim do corredor, fui interrompido por vários “e se?” que me atormentavam. E se eu não conseguisse amar nenhuma das garotas? E se nenhuma delas me amasse? E se minha alma gêmea não tivesse sido escolhida para participar, em favor de uma garota mais útil de sua província?

Sentei nos degraus da escada e apoiei a cabeça sobre as mãos. Como eu poderia fazer isso? Como poderia encontrar alguém que eu amasse, que me amasse, que meus pais aprovassem e o povo adorasse? Sem contar que ela precisava ser inteligente, atraente e talentosa; precisava ser alguém que eu poderia apresentar a todos os presidentes e embaixadores com quem cruzássemos.

Repeti a mim mesmo que devia me recompor, e pensar nos “e se?” positivos. E se fosse

maravilhoso conhecer essas garotas? E se todas fossem encantadoras, divertidas e lindas? E se exatamente a garota que eu quisesse agradasse ao meu pai, superando todas as nossas expectativas? E se meu par perfeito estivesse naquele momento deitada em sua cama, desejando o melhor para mim?

Talvez... Talvez a Seleção pudesse se tornar tudo aquilo com que havia sonhado antes, quando ela ainda não era tão real. Era minha chance de encontrar uma companheira. Por muito tempo, Daphne fora a única pessoa em que podia confiar. Ninguém mais entendia bem nossas vidas. Mas, agora, eu poderia compartilhar meu mundo com outra pessoa, e seria a melhor experiência de todas, porque... porque essa pessoa seria minha.

E eu seria dela. Estaríamos sempre juntos. Ela seria para mim o que minha mãe é para meu pai: seu porto seguro, a calma que o mantém com os pés no chão. E eu poderia ser seu guia, seu protetor.

Levantei e comecei a descer as escadas, confiante. Só precisava me agarrar a esse sentimento. Disse a mim mesmo aquilo que a Seleção seria para mim: esperança.

Já estava sorrindo quando cheguei ao primeiro andar. Não estava exatamente relaxado, mas determinado.

— ... sair — clamava uma voz frágil, que ecoava pelo corredor. O que estava acontecendo?

— Senhorita, vá para seu quarto agora.

Espiei o fim do corredor e vi, graças à luz da lua, um guarda bloqueando a passagem de uma garota — uma garota! — para o jardim. Estava muito escuro, então eu não pude distinguir muito bem suas feições, mas seus cabelos eram vermelhos e brilhantes, como uma mistura de mel, rosas e sol.

— Por favor.

Sua angústia parecia crescer a cada momento e seu corpo tremia. Então me aproximei, ainda tentando decidir o que fazer.

O guarda disse algo que não pude compreender. Continuei a avançar, sem entender muito toda aquela cena.

— Eu... não consigo respirar — ela disse antes de cair nos braços do guarda, que precisou soltar seu bastão para segurá-la. Ele parecia um pouco irritado.

— Deixem-na sair! — ordenei assim que cheguei até eles.

Danem-se as regras. Eu não podia permitir que aquela garota sofresse daquela maneira.

— Ela desmaiou, Alteza — explicou o guarda. — Queria sair.

Eu sabia que os guardas estavam apenas tentando nos manter em segurança, mas o que eu podia fazer?

— Abram as portas — ordenei.

— Mas... Alteza...

Encarei-o com o olhar sério.

— Abram as portas e deixem-na sair. Agora!

— Imediatamente, Alteza.

O guarda ao lado da porta a destrancou. Notei então a moça oscilar nos braços do outro guarda, na tentativa de se reerguer. Assim que as portas se abriram, uma lufada do vento morno e doce de Angeles nos envolveu. Quando a moça sentiu o vento em seus braços, começou a se mexer.



Cruzei a porta e observei-a cambalear pelo jardim. Seus pés descalços produziam sons secos ao bater no chão de cascalho. Nunca havia visto uma garota de camisola antes. Embora aquela jovem em particular não estivesse muito graciosa no momento, ainda assim ela me fascinava de um modo estranho.

Percebi que os guardas também a observavam e fiquei incomodado.

— Voltem aos seus postos — disse em voz baixa.

Os dois limpavam a garganta e viraram-se de costas, para o corredor.

— Fiquem aí até que eu os chame — instruí-os antes de avançar pelo jardim.

Mal podia vê-la, mas era capaz de ouvi-la. Ela arfava; dando a impressão de estar soluçando. Tive esperança de que não fosse esse o caso. Por fim, ela deixou-se cair sobre a grama, com a cabeça e os braços apoiados em um banco de pedra.

Ela não pareceu notar minha aproximação, então esperei ali por uns momentos até que ela levantasse o olhar. Depois de um tempo, comecei a me sentir um pouco constrangido. Imaginando que ela ao menos gostaria de me agradecer, tomei a palavra:

— Está tudo bem, querida?

— Eu não sou sua querida — ela replicou, lançando um olhar de raiva. As sombras ainda a ocultavam, mas seu cabelo brilhava ao facho de luar que escapara das nuvens.

Entretanto, rosto visível ou não, captei plenamente suas intenções com aquela frase. Onde estava a gratidão?

— O que eu fiz para ofender a senhorita? Por acaso não lhe dei exatamente o que queria?

Ela não respondeu. Deu-me as costas e retomou o choro. Por que as mulheres demonstravam tamanha propensão às lágrimas? Não quis ser grosseiro, mas tive que perguntar:

— Com licença, querida, mas você vai continuar chorando?

— Não me chame assim! Não sou mais querida para você do que as outras trinta e quatro estranhas que você mantém aqui nessa jaula.

Sorri comigo mesmo. Uma das minhas maiores preocupações era a de que aquelas garotas tentassem o tempo todo me mostrar suas virtudes, na tentativa de me impressionar. Atormentava-me a possibilidade de passar semanas conhecendo uma garota, escolhê-la e, depois do casamento, descobrir uma personalidade nova e insuportável.

E ali estava alguém que não dava a mínima para quem eu era. Ela estava me dando uma bronca!

Caminhei ao seu redor enquanto pensava em suas palavras. Perguntei a mim mesmo se minha mania de circular a incomodava. Se sim, será que ela diria?

— Sua afirmação é falsa. Todas vocês são queridas por mim.

Sim, eu estava tentando me esquivar de tudo relacionado à Seleção, mas isso não queria dizer que aquelas garotas não fossem especiais aos meus olhos.

— Trata-se simplesmente de descobrir quem há de ser a mais querida — completei.

— Você disse mesmo “há de ser”? — perguntou ela, cética.

— Receio que sim — respondi com um risinho. — Perdoe-me. É fruto da minha educação.

Ela murmurou algo ininteligível.

— Perdão?

— É ridículo! — gritou.

Céus, como ela era geniosa. Meu pai não devia saber muito a seu respeito. Com certeza, nenhuma garota com tal determinação entraria no grupo se ele soubesse. Sorte dela que fui eu — e não ele — a vir ajudá-la. Ela já teria sido mandada para casa cinco minutos atrás.

— O que é ridículo? — indaguei, embora estivesse certo de que ela se referia àquela situação. Nunca tinha visto algo assim.

— O concurso! Tudo! Você nunca amou ninguém na vida? É assim que quer escolher sua mulher? Você é baixo a esse ponto?

Aquilo doeu. Baixo? Sentei no banco para facilitar a conversa. Queria que aquela garota — quem quer que ela fosse — compreendesse o meu lado, como as coisas eram pela minha perspectiva. Tentei não me distrair com as curvas da sua cintura, quadris e pernas, ou mesmo com a aparência de seus pés descalços.

— Entendo que possa dar essa impressão, que tudo possa ser visto como entretenimento barato — disse, concordando com a cabeça. — Mas meu mundo é muito fechado. Não conheço tantas mulheres. As poucas que conheço são filhas de diplomatas, e geralmente temos pouquíssimos assuntos em comum. Isso quando falamos a mesma língua.

Sorri à lembrança dos momentos constrangedores durante os longos jantares sentado ao lado de uma jovem a quem teria que fazer sala, mas com quem não podia conversar porque os intérpretes estavam ocupados tratando dos negócios. Olhei para a garota, esperando que ela risse comigo dos meus problemas. Como seus lábios se recusaram a se mexer, limpei a garganta e continuei:

— Sendo essas as circunstâncias — disse, esfregando as mãos de nervosismo —, nunca tive a oportunidade de me apaixonar.

Ela pareceu se esquecer de que eu não tinha autorização para me envolver com ninguém até aquele momento. Fiquei curioso. Na esperança de não estar sozinho, articulei minha pergunta mais íntima.

— E você?

— Tive — ela respondeu, com uma mistura de orgulho e tristeza na voz.

— Então você teve muita sorte.

Fixei o olhar na grama por uns instantes. Prossegui, pois não queria prolongar aquela situação que deixava clara a minha vergonhosa falta de experiência.

— Minha mãe e meu pai se casaram assim e são muito felizes. Tenho esperança de alcançar a felicidade, de encontrar uma mulher que toda a Illéa possa amar, alguém que possa ser minha companheira e me ajude a receber os líderes de outras nações. Alguém que seja amiga dos meus amigos e minha confidente. Estou pronto para encontrar minha esposa.

Até eu notava o desespero, a esperança e o desejo em minha voz. A dúvida voltou a se insinuar. E se ninguém ali pudesse me amar?

“Não”, disse a mim mesmo, “isto vai dar certo.”

Observei a garota, que à sua maneira também parecia desesperada.

— Você realmente acha que aqui é uma jaula?

— Sim, eu acho — retrucou. E acrescentou, um segundo depois: — Majestade.

Achei graça.

— Eu mesmo já pensei nisso mais de uma vez. Mas você deve admitir que é uma jaula muito bonita.

— Para você — ela emendou rapidamente. — Encha sua jaula com mulheres brigando pela mesma coisa e veja que legal é.

— Mas já ocorreram discussões por minha causa? Será que vocês não percebem que sou eu que faço a escolha?

Não sabia se devia me sentir animado ou preocupado. Em todo caso, era interessante pensar nisso. Talvez, se eu conhecesse uma moça que me desejasse muito, acabaria desejando-a também.

— Na verdade, não é bem assim. Elas brigam por duas coisas. Algumas por você, outras pela coroa. E todas pensam já saber o que falar e fazer para que sua escolha seja óbvia.

— Ah, sim. O homem ou a coroa. Receio que algumas não saibam ver a diferença — comentei, balançando a cabeça e baixando o olhar para a grama.

— Boa sorte com isso — foi seu comentário cômico.

Só que não havia nada cômico na situação. Era a confirmação de outro dos meus maiores temores. Mais uma vez fui vencido pela curiosidade, embora tivesse certeza de que ela mentiria.

— E você, pelo que luta?

— Na verdade, estou aqui por engano.

— Engano?

Como era possível? Se ela tinha se inscrito, se fora escolhida e viera por livre e espontânea vontade...

— É, mais ou menos. Bem, é uma longa história...

Uma história que eu precisaria conhecer mais cedo ou mais tarde.

— ... Estou aqui. E não estou lutando. Meu plano é aproveitar a comida até você me chutar — completou.

Não pude evitar. Explodi em gargalhadas. Aquela garota era a antítese de tudo o que esperava. Até ser chutada? Estava ali pela comida? Por incrível que pareça, eu estava gostando daquilo tudo. Talvez as coisas fossem simples como minha mãe dissera; eu conheceria as candidatas aos poucos, como tinha sido com Daphne.

— O que você é? — perguntei. Ela não devia ser mais do que Quatro, visto seu entusiasmo pela comida.

— Como? — ela perguntou, sem entender o que eu quis dizer.

Não quis insultá-la, de modo que comecei pelo alto.

— Dois? Três?

— Sou Cinco.

Então essa era uma das Cinco. Sabia que meu pai não ficaria muito feliz em saber da minha

gentileza com ela, mas foi ele quem a deixou entrar, afinal.

— Ah, sim. Então a comida deve ser um bom motivo para ficar.

Soltei mais uma risada e tentei descobrir o nome daquela jovem tão divertida.

— Sinto muito, não consigo ler seu broche no escuro.

Ela inclinou levemente a cabeça. Para o caso de ela perguntar por que eu não sabia seu nome ainda, comecei a pensar o que soaria melhor: uma mentira — dizer que tinha muito trabalho e não havia conseguido memorizar todos os nomes — ou a verdade — dizer que estava tão nervoso com toda a situação que adiei aquilo até o último segundo.

Que, por acaso, tinha acabado de passar.

— Meu nome é America.

— Muito bem, perfeito — disse, com um sorriso. Se dependesse do nome, não acreditava que ela pudesse servir. Era o nome do antigo país, uma nação teimosa e problemática que transformamos em algo mais forte. Mas, pensando bem, talvez tenha sido esse o motivo de meu pai deixá-la entrar: para mostrar que não tinha medo ou preocupações com nosso passado, mesmo que os rebeldes se apegassem tolamente a ele.

Para mim, a palavra tinha um quê musical.

— America, minha querida, espero muito que encontre algo nesta jaula por que valha a pena lutar. Depois de tudo isso, não posso deixar de imaginar como seriam as coisas se você realmente se esforçasse.

Levantei do banco, ajoelhei-me a seu lado e tomei sua mão. Felizmente, seu olhar estava fixo em nossos dedos, não em meus olhos. Se ela visse meu rosto, notaria como fiquei boquiaberto quando eu enfim a vi pela primeira vez. As nuvens se abriram no momento exato, e a lua iluminou completamente seu rosto. E como se não bastasse ela ser capaz de me enfrentar e não ter medo de ser ela mesma, America tinha uma beleza impressionante.

Sob seus cílios grossos surgiam olhos azuis como o gelo, uma cor fria para balancear as chamas de seus cabelos. Suas bochechas eram macias e estavam um pouco coradas por causa do choro. Seus lábios, suaves e rosados, abriram-se um pouco enquanto ela inspecionava nossas mãos.

Senti uma palpitação estranha no meu peito, como a luz de uma lareira ou o calor da tarde. Aquela sensação permaneceu alguns momentos comigo, brincando com as batidas de meu coração.

Critiquei a mim mesmo mentalmente. Que previsível era eu ficar tão encantado pela primeira garota pela qual tinha autorização de nutrir algum sentimento. Era tolice, rápido demais para ser verdade. Expulsei o calor de mim. Ao mesmo tempo, porém, não queria dispensá-la. O tempo diria se ela era digna de estar no páreo. Evidentemente, America era alguém que eu precisaria conquistar, e isso levaria tempo. Mas eu começaria naquele exato momento.

— Se isso a deixar feliz, posso informar aos funcionários que você prefere ficar no jardim. Assim, você pode vir aqui à noite sem ser incomodada pelos guardas. No entanto, acho que seria bom se houvesse sempre um deles por perto.

Eu não precisava importuná-la revelando a frequência dos ataques rebeldes. Se ela mantivesse um guarda por perto, ficaria bem.

— Não... não sei se quero algo que venha de você — ela soltou a mão gentilmente e cravou os olhos na grama.

— Como quiser.

Fiquei um pouco decepcionado. Que coisa horrível eu teria feito para que ela me rejeitasse daquele jeito? Talvez aquela garota fosse inconquistável.

— Você vai voltar para dentro daqui a pouco?

— Sim — sussurrou.

— Então vou deixá-la com seus pensamentos. Haverá um guarda perto da porta esperando.

Queria que ela tivesse o tempo que fosse necessário, mas temia que um ataque inesperado ferisse alguma das meninas — mesmo aquela, que parecia nutrir uma verdadeira aversão a mim.

— Obrigada, errr... Alteza.

Sua voz deixava entrever certa vulnerabilidade, e então percebi que o problema talvez não fosse eu. Talvez ela só estivesse sobrecarregada com todos os acontecimentos a seu redor. Como culpá-la por isso? Decidi me expor outra vez à rejeição.

— Querida America, você poderia me fazer um favor? — perguntei, tomando novamente sua mão. Ela me lançou um olhar cético. Algo em seus olhos me dizia que ela procurava a verdade em mim, e que não desistiria até conseguir.

— Talvez.

Seu tom me deu esperanças e abri um sorriso.

— Não conte isso às outras. Tecnicamente, não devo conhecê-las até amanhã. Não quero irritar ninguém.

Funguei um pouco, e logo me arrependi. Às vezes, minha risada era a pior.

— Embora não possa dizer que seus gritos tenham qualquer semelhança com um encontro romântico, não acha? — concluí.

Enfim America sorriu para mim, brincalhona.

— Nem de longe! — disse, para depois respirar fundo e afirmar: — Não contarei.

— Obrigado.

Deveria ter me contentado com seu sorriso e ido embora. Mas algo em mim — talvez minha criação, sempre voltada a avançar, a conquistar — me forçava a dar um passo a mais. Ergui sua mão até meus lábios e beijei-a.

— Boa noite.

Parti antes que ela tivesse chance de me criticar ou que eu fizesse qualquer burrice.

Quis olhar para trás e ver sua reação, mas seria incapaz de suportar se me deparasse com qualquer indício de desgosto. Se meu pai pudesse ler meus pensamentos naquele momento, ficaria bastante insatisfeito. Àquela altura, depois de tudo, eu precisava ser mais duro.

Ao chegar à porta, dirigi-me aos guardas:

— Ela precisa de um tempo sozinha. Se não entrar em meia hora, peçam-lhe *delicadamente* para entrar.

Olhei ambos nos olhos para ter certeza de que haviam captado a mensagem.



— Também seria conveniente que vocês evitassem falar disso com as pessoas. Entendido?

Os dois fizeram que sim com a cabeça, e eu segui para a escadaria principal. Enquanto caminhava, ouvi um dos guardas cochichar:

— O que significa “conveniente”?

Soltei um suspiro e continuei a subir as escadas. Quando cheguei ao terceiro andar, praticamente corri até meu quarto. Eu dispunha de uma imensa sacada, que dava para os jardins. Não arrisquei sair e ser pego no flagra, espionando, mas fui até as portas de vidro e puxei a cortina.

America permaneceu lá por cerca de dez minutos, e foi acalmando-se aos poucos. Observei-a secar o rosto, limpar a camisola e entrar. Considerei a possibilidade de dar um pulo até o corredor para que nos encontrássemos outra vez “sem querer querendo”. Mas pensei melhor. Ela estava nervosa e provavelmente fora de si. Se eu queria ter ao menos uma chance, teria que esperar pelo dia seguinte.

O dia seguinte... quando trinta e quatro outras garotas seriam postas diante de mim. Ah, como fui burro de esperar tanto. Fui até a minha mesa e desenterrei a pilha de fichas para estudar as fotos delas. Não sei quem teve a ideia de pôr os nomes no verso, era completamente inútil. Peguei uma caneta e transcrevi os nomes na frente. Hannah, Anna... Como seria capaz de decorar tudo aquilo? Jenna, Janelle, Camille... Sinceramente? Seria um desastre. Precisava aprender pelo menos alguns nomes. De resto, confiaria nos broches até memorizar todos.

Porque eu ia conseguir fazer isso. E direito. Era minha obrigação. Precisava provar que podia ser um líder e tomar decisões. Do contrário, quem confiaria em mim como futuro rei? Como o próprio rei confiaria em mim?

Detive-me nos destaques. Celeste... Lembrei-me do nome. Um dos meus conselheiros mencionara que ela era modelo e até chegou a me mostrar uma foto dela de maiô nas páginas reluzentes de uma revista. Tratava-se provavelmente da candidata mais sexy, e eu certamente não a julgaria mal por causa disso. Lyssa saltou aos meus olhos, mas não de uma maneira positiva. A não ser que ela tivesse uma personalidade campeã, não estava no páreo. Talvez fosse uma atitude medíocre da minha parte, mas era tão ruim assim querer isso? Ah, Elise. Pelos traços exóticos de seus olhos, ela devia ser a garota que meu pai disse ter familiares na Nova Ásia. Só por isso já era forte na disputa.

America.

Detive-me sobre sua foto. Seu sorriso era absolutamente radiante.

O que lhe fez abrir um sorriso tão luminoso naquele dia? Eu? Será que os sentimentos que nutria por mim naquele dia — fossem quais fossem — já tinham passado? Ela não pareceu muito feliz em me conhecer. Mas... até que sorriu ao final.

Recomeçaria com ela pela manhã. Eu não sabia bem o que buscava, mas muito do que me parecia *certo* estava presente naquela foto. Talvez sua força de vontade ou sua honestidade; talvez a pele suave das costas de sua mão ou seu perfume... O que eu sabia com certeza é que queria que ela gostasse de mim.

Como exatamente conseguiria isso?



SEGUREI A GRAVATA AZUL. Não. A creme? Não. Será que todos os dias eu teria esse trabalho para me vestir?

Queria passar uma boa primeira impressão às garotas — e uma boa segunda impressão a uma delas —, e aparentemente estava convencido de que tudo dependia de escolher a gravata certa. Deixei escapar um suspiro. Aquelas garotas já estavam me transformando em um poço de estupidez.

Tentei seguir o conselho da minha mãe e ser eu mesmo, com os defeitos e tudo. Escolhi a primeira gravata que tinha pego, terminei de me vestir e ajeitei o cabelo para trás.

Saí do quarto e dei com meus pais cochichando junto à escadaria. Considerei a possibilidade de ir pela escada dos fundos, para não os interromper, mas minha mãe fez um gesto para que me aproximasse.

Assim que cheguei até eles, minha mãe começou a esconder as mangas da minha camisa e me virou de costas para ajeitar a parte de trás do paletó.

— Lembre-se de que elas estão com os nervos à flor da pele — ela disse. — O melhor a fazer é deixá-las se sentindo em casa.

— Aja como um príncipe — insistiu meu pai. — Lembre-se de quem você é.

— Não há pressa para decidir — minha mãe comentou, e tocou minha gravata. — Bela escolha.

— Mas não mantenha aqui ninguém que não queira. Quanto mais rápido chegarmos às verdadeiras candidatas, melhor.

— Seja educado.

— Seja confiante.

— Apenas converse.

Meu pai bufou.

— Isso não é uma brincadeira. Lembre-se disso.

Minha mãe se distanciou um pouco para me olhar de cima a baixo.

— Você vai ser ótimo.

Em seguida, ela me puxou para si e me abraçou. Depois se afastou de novo para ajeitar minha roupa.

— Muito bem, filho. Vá em frente — meu pai disse, apontando para as escadas.

— Estaremos à sua espera na sala de jantar.

Senti uma tontura.

— Ah, sim. Obrigado.

Fiz uma breve pausa para tomar fôlego. Sabia que eles queriam ajudar, mas conseguiram

desmantelar toda a tranquilidade que eu havia construído. Repetia a mim mesmo que se tratava apenas de um olá, e que as garotas tinham as mesmas expectativas que eu.

E então me lembrei de que encontraria America mais uma vez. No mínimo, seria divertido. Com isso em mente, avancei escada abaixo rumo ao primeiro andar e ao Grande Salão. Respirei fundo e bati à porta antes de abri-la.

Lá, atrás dos guardas, o bando de garotas me esperava. Os flashes das câmeras espocavam à medida que cada reação minha e delas era captada. Sorri para seus rostos esperançosos. Fiquei mais calmo só de notar que todas pareciam contentes por estar ali.

— Majestade.

Olhei para trás e me deparei com Silvia, que terminava sua reverência. Quase me esquecera de que ela estaria presente para instruir as garotas sobre o procedimento, como fizera comigo quando eu era mais jovem.

— Olá, Silvia. Se não se importa, gostaria de me apresentar a essas jovens.

— Absolutamente — ela disse quase sem fôlego, antes de fazer uma nova reverência. Às vezes ela era tão dramática.

Inspecionei os rostos em busca do fogo daqueles cabelos. Demorou um pouco, por causa da distração que o brilho de praticamente todos os pulsos, pescoços e orelhas do salão causava. Afinal a encontrei, em uma das fileiras mais ao fundo; ela me olhava de um jeito diferente das outras. Sorri, mas em vez de devolver o gesto ela pareceu confusa.

— Senhoritas — comecei —, se não lhes incomodar, chamarei cada uma de vocês para me conhecer individualmente. Estou certo de que estão com fome, assim como eu, de modo que não tomarei muito do seu tempo. Por favor, perdoem-me se demorar para gravar seus nomes. É que há muitas de vocês.

Algumas riram. Fiquei feliz por perceber que era capaz de identificar mais garotas do que tinha imaginado. Caminhei em direção à jovem na ponta da primeira fileira, e estendi a mão. Ela a tomou entusiasmada, e ambos fomos para os sofás que eu sabia que estavam lá exatamente para aquele fim.

Infelizmente, Lyssa não era mais atraente pessoalmente do que na foto. Ainda assim, ela merecia o benefício da dúvida, então conversamos mesmo assim.

— Bom dia, Lyssa.

— Bom dia, Alteza.

Ela abriu um sorriso tão largo que fiquei com a impressão de que suas bochechas deviam doer.

— O que está achando do palácio?

— É lindo. Nunca vi algo tão lindo. Aqui é muito lindo. Poxa, já tinha dito isso, né?

Respondi com um sorriso.

— Está tudo bem. Fico feliz por você estar tão encantada. O que você faz em casa?

— Sou Cinco. Toda a minha família trabalha exclusivamente com esculturas. Há estátuas incríveis aqui. Muito lindas.

Tentei fingir interesse, mas ela não me empolgava nem um pouco. Ainda assim, não podia abrir mão de uma delas sem um bom motivo.

— Obrigado. Hum, quantos irmãos você tem?

Após alguns minutos de conversa em que ela usou a palavra *lindo* não menos do que doze vezes, sabia que não havia mais nada que eu queria saber sobre aquela menina.

Era o momento de seguir em frente, mas sabia que seria crueldade mantê-la ali sabendo que não havia chance alguma para nós. Decidi que começaria a fazer os cortes já no salão. Seria mais justo com as garotas. E talvez impressionasse o meu pai. Afinal, ele queria que eu fizesse algumas escolhas de verdade na vida.

— Lyssa, muito obrigado por seu tempo. Assim que eu terminar de falar com todas, você poderia ficar um pouco mais para conversarmos de novo?

Ela corou.

— Com certeza.

Levantamos. Eu me sentia péssimo por ela ter entendido errado meu pedido.

— Poderia chamar a próxima moça, por favor? — pedi.

Ela fez que sim com a cabeça e inclinou o corpo em uma reverência, para depois chamar a moça ao seu lado. Reconheci de imediato que se tratava de Celeste Newsome. Um homem precisava ser muito tapado para esquecer aquele rosto.

— Bom dia, senhorita Celeste.

— Bom dia, Alteza — ela disse, fazendo uma reverência.

Sua voz era doce, e logo me dei conta de que muitas daquelas garotas podiam me deixar fascinado. Talvez aquela preocupação de não amar nenhuma delas não fosse o verdadeiro problema. Talvez eu ficaria apaixonado por todas elas e seria incapaz de escolher.

Apontei-lhe o assento à frente do meu.

— Parece que você é modelo.

— Sim — ela respondeu animada, radiante por ver que eu já sabia algo sobre ela. — Principalmente de roupas. Dizem que tenho um bom corpo para isso.

Naturalmente, essas palavras me levaram a conferir o tal corpo. Não havia como negar que era incrível.

— Gosta do seu trabalho?

— Ah, sim. É fantástico como a fotografia consegue capturar uma fração de segundo de algo maravilhoso.

Fiquei animado.

— Com certeza. Não sei se você sabe, mas eu sou um grande fã de fotografia.

— É mesmo? Precisamos fazer uma sessão de fotos um dia desses.

— Seria ótimo.

Ah, as coisas estavam indo melhor do que o esperado. Em dez minutos eu já havia eliminado uma candidata absolutamente sem chances, e encontrado outra com um interesse comum.

Poderia ter continuado com Celeste por mais uma hora, mas se quiséssemos comer, eu realmente precisava me apressar.

— Minha querida, sinto muito interromper nossa conversa, mas preciso conhecer todas esta manhã — justifiquei-me.

— Claro.

Ela levantou-se e prosseguiu:

— Estou ansiosa para terminar nossa conversa. Espero que em breve.

O jeito que ela me olhou... Não sabia explicar. Fiquei vermelho na hora, de modo que precisei abaixar um pouco a cabeça para esconder a cor das minhas bochechas. Tive que respirar fundo algumas vezes para me concentrar na próxima garota.

Bariel, Emmica, Tiny e tantas outras passaram batidas. Até o momento, a maioria tinha se mostrado agradável e bem portada. Só que eu esperava muito mais que isso.

Foram necessárias mais cinco garotas até que algo realmente interessante acontecesse. Quando dei um passo para cumprimentar a morena esbelta que vinha na minha direção, ela estendeu a mão.

— Olá, meu nome é Kriss.

Olhei para sua mão aberta e estava a ponto de apertá-la quando ela recuou.

— Ah, não! Era para eu ter feito uma reverência — o que ela fez, balançando a cabeça inconformada enquanto levantava.

Eu ri.

— Me sinto tão idiota. Fui capaz de errar a coisa mais básica.

Seu sorriso ofuscou a gafe, e devo reconhecer que era bem charmoso.

— Não se preocupe, minha querida — assegurei, enquanto indicava seu assento. — Já fizeram muito pior.

— Mesmo? — sussurrou, empolgada com a notícia.

— Não darei detalhes, mas sim. Pelo menos você tentou ser educada.

Seus olhos se arregalavam à medida que ela inspecionava as outras moças, imaginando quem teria sido grossa comigo. Fiquei feliz por ter optado pela descrição, já que alguém me chamara de “baixo” na noite anterior, e ninguém poderia saber disso.

— Então, Kriss, me conte sobre sua família.

Ela deu de ombros.

— Normal, acho. Vivo com minha mãe e meu pai, e ambos são professores universitários. Às vezes penso em lecionar também, embora flerte com a literatura. Sou filha única, condição que só agora começo a aceitar melhor. Por anos implorei por um irmão aos meus pais. Eles nunca quiseram.

Sorri. Era difícil ser sozinho.

— Tenho certeza de que queriam concentrar todo o amor em você.

Ela achou graça.

— Foi isso que os seus pais lhe disseram?

Congelei. Ninguém ainda havia feito uma pergunta sobre *mim*.

— Bom, não exatamente. Mas entendo sua sensação — contornei.

Estava a ponto de retomar as questões que havia preparado quando ela foi mais rápida.

— Como está se sentindo hoje?

— Tudo bem. Um pouco sobrecarregado — deixei escapar, talvez com honestidade demais.

— Pelo menos não precisa usar vestidos — ela comentou.

— Mas pense em como seria divertido se eu os usasse.

Ela soltou uma gargalhada e eu me juntei a ela. Imaginei Kriss ao lado de Celeste, comparando-as. Kriss tinha um ar muito positivo. Terminei nossa entrevista sem formar uma ideia completa dela, uma vez que ela sempre me punha no foco da conversa. Mas notei que era uma pessoa boa, na melhor acepção da palavra.

Passou-se quase uma hora até chegar a vez de America. No intervalo entre as primeiras garotas e ela, eu já havia conhecido três candidatas bem fortes — Celeste e Kriss entre elas, as quais eu sabia que seriam as preferidas do público. Porém, a garota logo antes de America estava tão longe de servir para mim que acabou por apagar essas boas impressões. Quando America se levantou e veio em minha direção, era a única pessoa que eu tinha em mente.

Algo em seus olhos revelava certa malícia, proposital ou não. Pensei no seu comportamento na noite anterior e percebi que ela era uma revolução ambulante.

— America, certo? — brinquei quando ela se aproximou.

— Sim, sou eu. E sei que já ouvi seu nome antes, mas poderia refrescar minha memória?

Achei graça e a convidei para sentar. Inclinei-me para ela e sussurrei:

— Você dormiu bem, minha querida?

Seu olhar me dizia que eu estava brincando com fogo, mas seus lábios traziam um sorriso.

— Ainda não sou sua querida. Mas dormi. Assim que me acalmei, dormi muito bem. Minhas criadas tiveram que me derrubar da cama. Estava confortável demais — ela confessou essa última parte como se fosse um segredo.

— Fico feliz em saber que você estava confortável, minha... — ah, eu precisava romper com essa mania ao lidar com ela — ... America.

Deu para notar que ela gostou do meu esforço.

— Obrigada.

O sorriso então sumiu do seu rosto e ela se entregou aos seus próprios pensamentos, enquanto mordida o lábio e dava voltas com as palavras em sua cabeça.

— Mil desculpas por ter sido grossa — ela disse afinal, desviando os olhos dos meus. — Enquanto eu tentava dormir, tomei consciência de que, embora a situação me pareça estranha, não posso culpá-lo. Não é sua culpa que eu tenha me metido em tudo isso, e essa história de Seleção não é ideia sua.

*Que bom que alguém percebeu.*

— Além disso — continuou —, você me tratou com simpatia naquele momento de dor, enquanto eu fui, bem, péssima.

Ela balançou a cabeça para si mesma e eu senti meu coração acelerar.

— Poderia ter me expulsado ontem mesmo, mas não o fez. Obrigada — concluiu.

Sua gratidão me comoveu, porque eu sabia que ela estava muito longe de ser mentirosa. E isso me levou a um tema que eu teria que abordar se quisesse fazer algum progresso. Inclinei-me ainda mais

em sua direção, apoiei os cotovelos sobre os joelhos, em uma postura mais à vontade e mais intensa da que adotara com as outras.

— America, você tem sido muito sincera comigo até agora. É uma qualidade que admiro profundamente. Vou pedir-lhe que responda uma pergunta, se não for um incômodo.

Ela aquiesceu com a cabeça, embora hesitasse.

— Você diz que está aqui por engano. Isso me faz supor que não quer ficar. Há alguma possibilidade de nutrir qualquer tipo de... sentimento amoroso por mim?

A sensação foi de que ela brincou com as ondas em seu vestido por horas antes de responder. Aguardei aquilo convencido de que ela não queria parecer afoita demais.

— Vossa Majestade é muito gentil — *Sim*. — e atraente... — *Sim!* — e atencioso — *SIM!*

Eu sorria feito um idiota, isso era certo, de tão feliz que estava por saber que ela havia visto algo positivo em mim depois da noite passada.

Ela continuou em um tom de voz mais baixo:

— Mas tenho motivos muito pertinentes para achar que não.

Pela primeira vez, agradei meu pai por ter me treinado a não perder a compostura. Soei bastante razoável ao perguntar:

— Poderia explicá-los?

Ela hesitou novamente.

— Acho... acho que meu coração está em outro lugar.

E as lágrimas despontaram em seus olhos.

— Por favor, não chore! — implorei em voz baixa. — Nunca sei o que fazer quando as mulheres choram!

Ela riu da minha falta de jeito e limpou o canto dos olhos. Fiquei feliz em vê-la assim, aliviada e autêntica. É claro que havia alguém à sua espera. Uma garota tão real fatalmente seria logo arrebatada por um jovem esperto. Eu não conseguia imaginar como ela tinha vindo parar no palácio, mas tampouco aquilo era problema meu.

Tudo o que sabia era que, mesmo se ela não fosse se tornar minha, gostaria de deixá-la com um sorriso no rosto.

— Você quer que eu lhe deixe voltar para seu amado hoje? — propus.

Ela abriu um sorriso amarelo.

— Esse é o problema... Não quero ir para casa.

— Mesmo?

Recostei-me na poltrona e passei a mão no cabelo enquanto ela ria mais uma vez de mim.

Se America não queria estar comigo nem com o outro, então *o que* queria?

— Posso ser totalmente sincera com você?

*Por favor.* Fiz que sim.

— Preciso ficar aqui. Minha família precisa de mim aqui. Mesmo que me deixasse ficar apenas uma semana, já seria uma dádiva para eles.

Então ela não lutava pela coroa, mas eu ainda possuía algo que lhe interessava.

— Você quer dizer que precisa do dinheiro?

— Sim.

Pelo menos ela teve a decência de se envergonhar.

— Também há... certas pessoas na minha província — prosseguiu com um olhar cheio de significado — que eu não aguentaria ver no momento.

Precisei de um segundo para me dar conta do sentido daquilo tudo. Os dois não estavam mais juntos. Ela ainda gostava dele, mas ele não lhe pertencia mais. Assenti com a cabeça diante da situação. Se eu pudesse escapar das pressões do meu mundo por uma semana, certamente faria o mesmo.

— Se me permitir ficar, mesmo que por pouco tempo, podemos fazer um trato.

Eis uma coisa interessante!

— Um trato?

O que diabos ela poderia me dar em troca?

Ela mordeu os lábios.

— Se me deixar ficar... — ela fez uma pausa e respirou. — Tudo bem, veja só. Você é o príncipe. Fica ocupado o dia inteiro ajudando a administrar o país e tal, e agora tem que encontrar tempo para escolher uma entre trinta e cinco, ou melhor, trinta e quatro garotas. É pedir muito, não acha?

Embora soasse como uma piada, ela acertou em cheio as minhas preocupações, com uma precisão absoluta. Concordei com suas palavras.

— Não acha que seria muito melhor se tivesse alguém aqui dentro? Alguém para ajudar? Tipo... uma amiga?

— Uma amiga?

— Sim. Se me deixar ficar, posso ajudar. Serei sua amiga. Não precisa se incomodar em correr atrás de mim. Já sabe que não sinto nada por você. Mas pode falar comigo a qualquer momento e tentarei ajudar. Ontem à noite você disse que estava em busca de uma confidente. Bem, posso ser essa pessoa enquanto não encontrar a definitiva. Se quiser...

*Se eu quiser...* Eu não parecia ter muita opção, mas ao menos poderia ajudar aquela garota. E talvez desfrutar um pouco mais de sua companhia. E, claro, meu pai ficaria pasmo se soubesse que eu usava uma das garotas para tal finalidade... o que me fez gostar muito, mas muito mais daquela proposta.

— Conheci quase todas as garotas deste salão e não penso em outra que seria uma amiga melhor que a senhorita. Será um prazer deixá-la ficar.

Notei a tensão se desfazer em seu corpo. Apesar de saber que seu carinho estava fora de meu alcance, não podia deixar de tentar.

— Você acha que eu ainda posso chamá-la de “minha querida”? — perguntei em tom de provocação.

— Sem chance — cochichou.

Não sei se ela estava falando sério ou não, mas tomei suas palavras como um desafio.

— Continuarei tentando. Não costumo desistir.

A expressão em seu rosto parecia quase irritada, mas não era bem isso.



— Você chamou todas de “minha querida”? — perguntou apontando para o resto das garotas com a cabeça.

— Sim, e todas parecem ter gostado — respondi com ar alegre e orgulhoso.

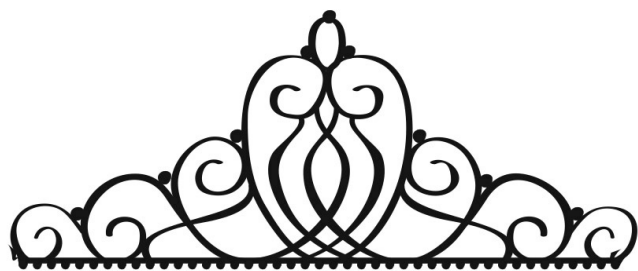
O desafio ainda estava presente em seu sorriso quando ela falou:

— É exatamente por isso que eu não gostei.

America se levantou, pondo fim à entrevista. Não pude deixar de ficar impressionado com ela mais uma vez. Nenhuma das outras quis acabar logo com a conversa. Inclinei a cabeça, gesto que ela retribuiu com uma reverência malfeita antes de seguir seu caminho.

Sorria comigo mesmo pensando em America. Comparava-a com as outras. Ela era linda, ainda que um pouco rústica. Era uma beleza incomum, e pude reparar que ela não tinha consciência disso. Ela não parecia ter nenhum ar de realeza, embora talvez houvesse algo de nobre em seu orgulho. E, claro, ela não nutria qualquer desejo por mim. Ainda assim, não conseguia me livrar do impulso de ir atrás dela.

E foi assim que a Seleção me prestou seu primeiro favor: com America no palácio, eu teria a chance de tentar.



# A ELITE

da trilogia A SELEÇÃO

Não perca o lançamento de *A elite* no dia 23/04!

A ATMOSFERA DE ANGELES ESTAVA TRANQUILA. Permaneci imóvel por uns instantes, ouvindo o som da respiração de Maxon. Estava cada vez mais difícil encontrá-lo em um momento calmo e feliz de verdade. Aproveitei aquela ocasião ao máximo, agradecendo por ele estar, aparentemente, em sua melhor forma enquanto estávamos a sós.

Desde que a Seleção conta com só seis garotas, ele tem estado mais ansioso que no começo, quando as trinta e cinco chegaram de uma vez. Imaginei que talvez ele tivesse pensado que teria mais tempo para fazer suas escolhas. E devo reconhecer, apesar de me sentir culpada, que era por minha causa que ele tinha esse desejo.

Príncipe Maxon, herdeiro do trono de Illéa, gostava de mim. Ele me falou na semana passada que se eu dissesse, sem nenhuma ressalva, que me importava com ele assim como ele se preocupava comigo, toda essa história de competição estaria acabada. Eu até considerava essa ideia, ficava imaginando como seria pertencer a Maxon.

Mas o problema é: Maxon não me pertencia, para começo de conversa. Havia mais outras cinco meninas comigo — meninas com quem ele saía e cochichava coisas —, e eu não sabia o que pensar disso. E também havia o fato de que aceitar Maxon significava ter que aceitar uma coroa, uma ideia que eu tendia a ignorar, até por não saber ao certo como isso me afetaria...

E, claro, havia Aspen.

Tecnicamente, ele não era mais o meu namorado — terminou comigo antes de o meu nome ser sorteado para a Seleção —, mas quando surgiu no palácio como um dos guardas, todos os sentimentos que eu tinha tentado deixar para trás encheram meu coração. Aspen era meu primeiro amor. Bastava olhar para ele para saber... que eu era dele.

Maxon não sabia que Aspen estava no palácio, mas sabia bem que havia alguém da minha província que eu desejava esquecer, e estava, muito gentilmente, dando-me tempo para superar a situação enquanto tentava encontrar outra pessoa com quem ele pudesse ser feliz, caso eu nunca fosse capaz de amá-lo.

Conforme ele mexia a cabeça devagar, respirando sobre meus cabelos, eu pensava: como seria se eu simplesmente amasse Maxon?

— Sabe quando foi a última vez que olhei de verdade para as estrelas? — perguntou ele.

Estávamos deitados sobre uma toalha no jardim. Aconcheguei-me mais para o lado dele, tentando me manter aquecida naquela noite fria de Angeles.

— Não faço ideia.

— Um tutor me fez estudar astronomia há alguns anos. Quando vemos as estrelas mais de perto,

percebemos que na verdade elas têm cores diferentes.

— Calma lá. A última vez que você olhou para as estrelas foi para estudá-las? E a diversão?

Maxon riu.

— Diversão. Vou ter que espremê-la entre as votações do orçamento e as reuniões do comitê de infraestrutura. Ah, e a definição das estratégias militares, no que, aliás, eu sou péssimo.

— E no que mais você é péssimo? — perguntei, passando a mão em sua camisa engomada.

Meu carinho encorajou Maxon a mudar de posição e fazer pequenos círculos em meu ombro.

— Por que quer saber isso? — perguntou, fingindo irritação.

— Porque ainda sei tão pouco sobre você. E você parece ser perfeito em tudo. É bom ter uma prova do contrário.

Ele se apoiou sobre um cotovelo e fixou os olhos no meu rosto:

— Você sabe que não sou.

— Mas está quase lá — respondi.

Nossos corpos se tocavam de leve. Joelhos, braços, dedos.

Maxon balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

— O.k., o.k. Não consigo planejar guerras. Sou péssimo nisso. E acho que seria um cozinheiro horrível. Nunca cozinhei, logo...

— Nunca?

— Talvez você já tenha notado a multidão de pessoas que trabalham para manter a sua barriga cheia de bolos e doces... Por acaso, são eles que me alimentam também.

Achei graça. Em casa, eu ajudava a preparar praticamente todas as refeições.

— Mais — pedi. — No que mais você é ruim?

Ele me abraçou forte, e pude ver um segredo brilhar em seus olhos castanhos.

— Descobri uma coisa recentemente...

— Conte.

— Descobri que sou um completo fracasso em ficar longe de você. Um problema muito grave.

Sorri.

— Você já tentou?

Maxon fingiu pensar.

— Bem, não. E não espere que eu vá começar.

Rimos baixo, abraçados. Era tão fácil, nesses momentos, me imaginar assim pelo resto da vida.

O farfalhar das folhas e da grama anunciava a chegada de alguém. Embora nossa situação fosse completamente aceitável, fiquei um pouco encabulada e me sentei rapidamente. Maxon fez o mesmo assim que o guarda contornou a cerca para chegar até nós.

— Alteza — disse, inclinando a cabeça. — Perdão pela intromissão, senhor, mas é imprudente permanecer do lado de fora por muito tempo a essa hora da noite. Os rebeldes podem...

— Compreendo — concordou Maxon, com um suspiro.

— Já entraremos.

O guarda nos deixou, e Maxon virou-se para mim.

— Outro defeito meu: estou perdendo a paciência com os rebeldes. Estou cansado de lidar com eles.

Maxon se levantou e me ofereceu a mão. Segurei a mão dele e reparei na frustração em seus olhos. Passamos por dois ataques de rebeldes desde o começo da Seleção: um dos nortistas, que eram apenas baderneiros, e outro dos sulistas, que eram assassinos. Mesmo com minha experiência mínima, eu podia compreender seu cansaço.

Maxon recolheu a toalha e começou a sacudi-la. Era claro que ele não estava feliz com aquele fim antecipado da noite.

— Ei — eu disse, fazendo-o olhar em meus olhos. — Eu me diverti.

Ele concordou com a cabeça.

— É sério — continuei, me aproximando. Ele segurou a toalha com uma das mãos e passou o braço livre em volta da minha cintura. — Devíamos fazer isso outras vezes. Você podia me dizer quais são as cores de cada estrela, porque eu realmente não consigo ver diferença de uma para outra.

Maxon sorriu, triste.

— Gostaria que as coisas fossem mais fáceis às vezes. Normais.

Virei para ele e o abracei. Maxon soltou a toalha e retribuiu o gesto.

— Odeio ter que lhe revelar isso, Alteza, mas mesmo sem os guardas você está bem longe de ser normal.

Sua expressão ficou mais relaxada, mas ainda séria.

— Você iria gostar mais de mim se eu fosse normal — falou.

— Sei que é difícil para você acreditar, mas eu realmente gosto de você do jeito que você é. Só preciso de mais...

— Tempo. Eu sei. E estou pronto para dar o tempo necessário a você. Só gostaria de ter certeza de que você vai mesmo querer estar ao meu lado quando esse tempo acabar.

Desviei o olhar. Aquilo eu não podia prometer. Toda hora, eu olhava para o meu coração e comparava Maxon e Aspen, mas nenhum deles se sobressaía. A não ser, talvez, quando eu estava sozinha com um deles. Neste exato momento, por exemplo, eu estava tentada a prometer a Maxon que ficaria a seu lado no final.

Mas eu não podia.

— Maxon — sussurrei, após notar que ele estava se sentindo rejeitado por eu não ter respondido.

— Não posso dizer isso. Mas o que posso dizer é que quero estar com você. Quero saber se há possibilidade de... de... — gaguejei, sem saber ao certo como me expressar.

— Nós? — Maxon sugeriu.

Sorri, feliz por ver como tinha sido fácil para ele me entender.

— Sim — prossegui. — Quero saber se há a possibilidade de existir um “nós”.

Ele ajeitou meus cabelos para trás dos ombros.

— Penso que as chances são bem altas — afirmou, sem rodeios.

— Também penso. Só... tempo, tudo bem?

Maxon fez que sim com a cabeça. Parecia mais feliz. Era assim que eu queria terminar nossa noite,

com esperança. Bem, talvez com algo mais. Mordí os lábios e me virei para ele com olhos desejosos.

Sem hesitar nem um segundo, ele se inclinou e me beijou. Foi um beijo terno e suave, que me deixou com a sensação de ser adorada, e com vontade de outro. Eu poderia ter ficado ali por horas, só para ver se conseguia aplacar aquela sensação, mas Maxon recuou cedo demais.

— Vamos — disse ele em tom de brincadeira, enquanto me puxava para o palácio. — Melhor entrar antes de os guardas virem atrás de nós com cavalos e lanças.

Assim que Maxon me deixou nas escadas, o cansaço tomou conta de mim. Eu praticamente me arrastava até o segundo andar e ao canto onde estava meu quarto quando, de repente, fiquei totalmente desperta de novo.

— Ah! — disse Aspen, também surpreso em me ver. — O fato de eu ter pensado que você estava no seu quarto esse tempo todo provavelmente faz de mim o pior guarda do mundo.

Sorri. As garotas da Elite eram obrigadas a dormir com pelo menos uma de suas criadas no quarto. Eu não gostava muito da ideia, de modo que Maxon insistiu em manter um guarda de vigia à minha porta para o caso de uma emergência. O problema era que, na maioria das vezes, esse guarda era Aspen. Saber que quase todas as noites ele estaria bem ali na minha porta me dava uma sensação estranha de alegria misturada com terror.

Aquela tranquilidade momentânea logo desvaneceu quando Aspen se deu conta de por que eu não estava sã e salva enrolada nos cobertores. Ele limpou a garganta, tenso:

— Vocês se divertiram?

— Aspen — cochichei, olhando em volta para ter certeza de que ninguém estava perto —, não fique bravo. Faço parte da Seleção e as coisas são assim.

— E como eu vou ter chance desse jeito, Meri? Como posso competir com ele se você raramente fala com os guardas como eu?

Fazia sentido, mas o que eu podia fazer?

— Por favor, não se irrite comigo, Aspen. Estou tentando resolver tudo isso.

— Não, Meri — ele disse, retomando a voz terna de antes. — Não estou irritado com você. Eu tenho saudade de você.

Ele não ousou pronunciar as palavras, mas seus lábios se mexeram: “eu te amo”.

Me derreti.

— Eu sei — respondi, pondo a mão em seu peito e me permitindo esquecer por um instante tudo o que estávamos arriscando ali. — Só que isso não muda o lugar onde estamos nem o fato de eu ser da Elite agora. Preciso de tempo, Aspen.

Ele ergueu a mão até a minha e assentiu com a cabeça.

— Isso eu posso dar. Só... tente encontrar um tempo para mim também.

Eu não queria começar a explicar como isso seria difícil. Apenas abri um sorrisinho antes de recolher a mão.

— Preciso ir.

Ele me observou caminhar até o quarto e fechar a porta.

Tempo. Eu vinha pedindo muito tempo ultimamente. Tinha a esperança de que, se tivesse tempo

suficiente, tudo ia se resolver.



— NÃO, NÃO — respondeu a rainha Amberly, rindo. — Tive apenas três madrinhas apesar de a mãe de Clarkson ter sugerido que eu tivesse mais. Só queria minhas irmãs e minha melhor amiga, que, por acaso, eu conheci durante a Seleção.

Estiquei o pescoço para olhar para Marlee e fiquei feliz de ver que ela também me olhava. Antes de chegar ao palácio, eu tinha para mim que em uma competição com um prêmio tão grande não haveria como alguma das meninas ser simpática. Marlee me acolheu logo que nos conhecemos. Desde então, sempre estamos juntas. Nunca brigamos, a não ser aquelas nossas pequenas discussões.

Umas semanas atrás, Marlee comentou que talvez não quisesse ficar com Maxon. Quando a pressionei para explicar melhor aquilo, ela se fechou totalmente. Não estava brava comigo — isso eu sabia —, mas aqueles dias de silêncio me deixaram bem solitária.

— Quero sete madrinhas — disse Kriss. — Quer dizer, se Maxon me escolher e tiver um supercasamento.

— Bom, eu não quero madrinhas — replicou Celeste. — Elas só servem para desviar a atenção dos outros. E como tudo vai ser televisionado, quero todos os olhares voltados para mim.

Aquilo me subiu o sangue. Eram raras as vezes que conseguíamos conversar com a rainha Amberly, e lá estava Celeste: a praga que arruinava o momento.

— Eu gostaria de incorporar algumas tradições da minha cultura ao casamento — acrescentou Elise, com a voz calma. — As garotas da Nova Ásia usam vermelho na cerimônia, e o noivo precisa levar presentes para os amigos da noiva como agradecimento por deixarem-na se casar com ele.

— Me lembre de ir no seu casamento. Adoro presentes! — soltou Kriss.

— Eu também! — exclamou Marlee.

— Senhorita America, você está tão calada — disse a rainha Amberly. — O que deseja para o seu casamento?

Eu estava completamente despreparada para responder, minhas bochechas coraram.

Só tinha imaginado um tipo de casamento na minha vida, e ele aconteceria no Posto de Serviços da província da Carolina depois de uma sessão de burocracia.

— Bem, só pensei no momento em que meu pai me entrega ao noivo. Sabe quando ele toma sua mão e põe na mão do seu futuro marido? É a única parte por que eu sempre quis passar de verdade. — Por mais embaraçoso que aquilo pudesse parecer, era a verdade.

— Mas todo mundo faz isso — reclamou Celeste. — Não é nem original.

Deveria ter ficado com raiva depois dessa provocação, mas dei de ombros:

— Quero ter certeza de que meu pai aprova totalmente a minha escolha no único momento



realmente importante da minha vida.

— Que bonito — comentou Natalie enquanto bebia chá e olhava pela janela.

A rainha Amberly soltou uma leve risada:

— Tenho certeza de que aprovará. Não importa quem seja.

Essa última frase foi dita repentinamente, como se a rainha tivesse percebido no meio da fala a sua sugestão de que Maxon seria o escolhido.

Fiquei pensando se ela achava isso, se Maxon contara a ela sobre nós.

Logo depois, o assunto do casamento morreu, e a rainha nos deixou para ir trabalhar em seu quarto. Celeste estacionou em frente àquele televisor enorme e as outras garotas começaram a jogar cartas.

— Foi divertido — disse Marlee, enquanto nos sentávamos à mesa. — Acho que nunca tinha visto a rainha falar tanto.

— Ela está começando a se empolgar, acho. — Eu não tinha comentado com ninguém o que a irmã da rainha Amberly me dissera sobre as muitas tentativas frustradas da rainha de ter outro filho. Adele tinha previsto que a irmã seria mais carinhosa conosco assim que o grupo diminuísse, e acertou.

— O.k., você tem que me contar: você não tem mesmo nenhum outro plano para o seu casamento ou apenas não queria revelar?

— Não tenho mesmo — assegurei. — É difícil para mim planejar um casamento tão grande, sabe? Sou uma Cinco.

Marlee balançou a cabeça.

— Você era uma Cinco. Agora é Três.

— Certo — concordei, lembrando do meu novo rótulo.

Nasci em uma família de Cincos — artistas e músicos que geralmente ganhavam mal — e, embora odiasse o sistema de castas, gostava do que fazia para ganhar a vida. Era estranho pensar em mim como uma Três, imaginar uma carreira de professora ou escritora.

— Chega de estresse — falou Marlee, como se pudesse ler meus pensamentos. — Você não precisa se preocupar com isso ainda.

Eu estava a ponto de contrariá-la, quando fui interrompida por um grito de Celeste.

— Vai! — berrou, batendo o controle remoto no sofá antes de apontá-lo para a tv de novo. — Argh!

— É impressão minha ou ela está piorando? — cochichei com Marlee. Observamos Celeste bater no controle remoto de novo e de novo até desistir e mudar de canal manualmente. Comecei a achar que, se eu tivesse nascido uma Dois, aí sim teria com que me preocupar.

— Acho que é estresse — Marlee comentou. — Você notou como Natalie tem estado, sei lá... mais distante?

Fiz que sim com a cabeça, e olhamos para as três meninas jogando cartas. Kriss sorria ao embaralhar as cartas, enquanto Natalie examinava as pontas de seu cabelo e de vez em quando arrancava um fio. Ela tinha um ar distraído.

— Acho que todas nós estamos sentindo isso — confessei. — Ficou mais difícil relaxar e curtir o palácio agora que o grupo é tão pequeno.

Celeste resmungou algo e nos viramos para olhá-la, mas logo voltamos à posição inicial quando ela

nos pegou espiando.

— Licença — disse Marlee, mudando de lugar. — Acho que vou ao banheiro.

— Pensei na mesma coisa. Vamos juntas? — propus.

Com um sorriso, ela balançou a cabeça para negar.

— Vai na frente. Vou terminar o chá primeiro.

— Tudo bem. Já volto.

Saí do Salão das Mulheres, caminhando devagar por aquele corredor magnífico. Eu duvidava que algum dia chegaria a me acostumar com o espetáculo que era aquele castelo. Estava tão distraída que, ao dobrar uma esquina, trombei com um guarda.

— Ops! — exclamei.

— Perdão, senhorita. Espero não tê-la assustado.

Ele me segurou pelos cotovelos para que eu recuperasse o equilíbrio.

— Não — afirmei, rindo. — Está tudo bem. Eu devia olhar melhor por onde ando. Obrigada por me segurar, soldado...

— Woodwork — completou, fazendo uma breve reverência com a cabeça.

— Eu sou America.

— Eu sei.

Sorri e suspirei. É claro que ele sabia.

— Bom, espero que da próxima vez que nos trombarmos seja apenas no sentido figurado — brinquei.

— Positivo. Tenha um bom dia, senhorita — ele respondeu.

— Você também.

Voltei e contei a Marlee sobre a minha trombada vergonhosa com o soldado Woodwork. Avisei a ela para olhar por onde anda. Ela soltou uma gargalhada.

Passamos o resto da tarde sentadas perto das janelas, conversando sobre as nossas casas e as outras garotas e bebendo chá sob a luz do sol.

Era triste pensar no futuro. Cedo ou tarde, a Seleção chagaria ao fim, e embora eu soubesse que Marlee e eu continuaríamos próximas, sentiria falta de conversar com ela todos os dias. Ela foi a primeira amiga de verdade que fiz na vida e gostaria de tê-la sempre ao meu lado.

Enquanto eu tentava curtir aquele momento, Marlee olhava pela janela com um ar sonhador. Tentei imaginar no que ela estaria pensando, mas estava tudo tão sereno que não quis perguntar.

Copyright © 2013 by Kiera Cass  
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Prince  
PREPARAÇÃO Nathália Dimambro  
REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa  
ISBN 978-85-8086-682-7

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)  
[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)  
[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

Capa

O príncipe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

A elite

Capítulo 1

Capítulo 2

Créditos



UM CONTO DE A SELEÇÃO



# O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÊGUINTE